

MÓDULO 2

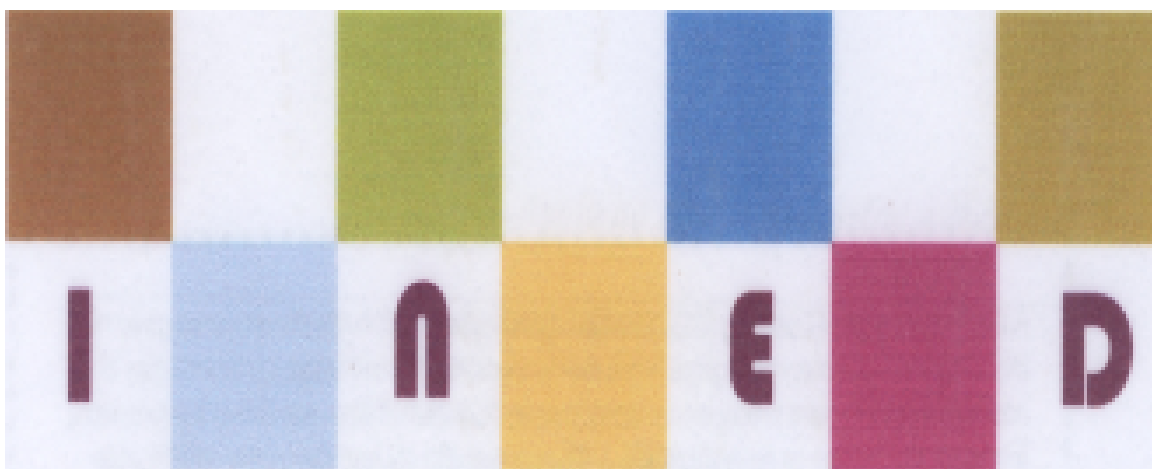
História

A Invasão do Continente Africano

Agradecimentos

O Ministério da Educação Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação deseja agradecer os abaixo mencionados pela sua contribuição na elaboração deste módulo através do fornecimento da Template:

COL



Conteúdos

Acerca deste Módulo	3
Lição 1	7
Lição 2	14
Lição 3	21
Lição 4	26
Lição 5	32
Lição 6	38
Lição 7	44
Lição 8	49
Lição 9	55
Lição 10	61
Lição 11	69
Lição 12	77
Lição 13	83
Lição 14	89

Soluções	95
-----------------	-----------

Teste Preparação de Final de Módulo 2	101
--	------------

Acerca deste Módulo

MÓDULO 2

Como está estruturado este Módulo

A visão geral do curso

Este curso está dividido por módulos autoinstrucionais, ou seja, que vão ser o seu professor em casa, no trabalho, na machamba, enfim, onde quer que você deseja estudar.

Este curso é apropriado para você que já concluiu a 7ª classe mas vive longe de uma escola onde possa frequentar a 8ª, 9ª e 10ª classes, ou está a trabalhar e à noite não tem uma escola próxima onde possa continuar os seus estudos, ou simplesmente gosta de ser auto didacta e é bom estudar a distância.

Neste curso a distância não fazemos a distinção entre a 8ª, 9ª e 10ª classes. Por isso, logo que terminar os módulos da disciplina estará preparado para realizar o exame nacional da 10ª classe.

O tempo para concluir os módulos vai depender do seu empenho no auto estudo, por isso esperamos que consiga concluir com todos os módulos o mais rápido possível, pois temos a certeza de que não vai necessitar de um ano inteiro para concluí-los.

Ao longo do seu estudo vai encontrar as actividades que resolvemos em conjunto consigo e seguidamente encontrará a avaliação que serve para ver se percebeu bem a matéria que acaba de aprender. Porém, para saber se resolveu ou respondeu correctamente às questões colocadas, temos as respostas no final do seu módulo para que possa avaliar o seu despenho. Mas se após comparar as suas respostas com as que encontrar no final do módulo, tem sempre a possibilidade de consultar o seu tutor no Centro de Apoio e Aprendizagem – CAA e discutir com ele as suas dúvidas.

No Centro de Apoio e Aprendizagem, também poderá contar com a discussão das suas dúvidas com outros colegas de estudo que possam ter as mesmas dúvidas que as suas ou mesmo dúvidas bem diferentes que não tenha achado durante o seu estudo mas que também ainda tem.

Conteúdo do Módulo

Cada Módulo está subdividido em Lições. Cada Lição inclui:

- Título da lição.
- Uma introdução aos conteúdos da lição.
- Objectivos da lição.
- Conteúdo principal da lição com uma variedade de actividades de aprendizagem.
- Resumo da unidade.
- Actividades cujo objectivo é a resolução conjunta consigo estimado aluno, para que veja como deve aplicar os conhecimentos que acaba de adquirir.
- Avaliações cujo objectivo é de avaliar o seu progresso durante o estudo.
- Teste de preparação de Final de Módulo. Esta avaliação serve para você se preparar para realizar o Teste de Final de Módulo no CAA.

Habilidades de aprendizagem



Estudar à distância é muito diferente de ir a escola pois quando vamos a escola temos uma hora certa para assistir as aulas ou seja para estudar. Mas no ensino a distância, nós é que devemos planejar o nosso tempo de estudo porque o nosso professor é este módulo e ele está sempre muito bem disposto para nos ensinar a qualquer momento. Lembre-se sempre que “*o livro é o melhor amigo do homem*”. Por isso, sempre que achar que a matéria esta a ser difícil de perceber, não desanime, tente parar um pouco, reflectir melhor ou mesmo procurar a ajuda de um tutor ou colega de estudo, que vai ver que irá superar toas as suas dificuldades.

Para estudar a distância é muito importante que planeie o seu tempo de estudo de acordo com a sua ocupação diária e o meio ambiente em que vive.

Necessita de ajuda?



Ajuda

Sempre que tiver dificuldades que mesmo após discutir com colegas ou amigos achar que não está muito claro, não tenha receio de procurar o seu tutor no CAA, que ele vai lhe ajudar a supera-las. No CAA também vai dispor de outros meios como livros, gramáticas, mapas, etc., que lhe vão auxiliar no seu estudo.

Lição 1

Africa Diante do Desafio Colonial

Introdução

Caro aluno, vai iniciar o estudo de mais um módulo de História. Irá mudar profundamente o seu enfoque uma vez que depois de ter estudado o processo de evolução do pensamento histórico desde o surgimento da História até aos nossos dias, agora irá dar início ao estudo da História do nosso continente, particularmente durante o período de dominação colonial.

Nesta primeira lição irá fazer algumas revisões sobre os séculos que antecederam a invasão do continente africano pelos colonizadores para que possa se enquadrar devidamente no estudo a realizar.

Vamos ao estudo e força!



Objectivos

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

- *Caracterizar* o mapa político de África no século XV.
- *Analisar* as relações entre a África e o mundo entre os séculos XV e XIX.
- *Caracterizar* o mapa político de África no início do século XIX.

África diante do desafio colonial

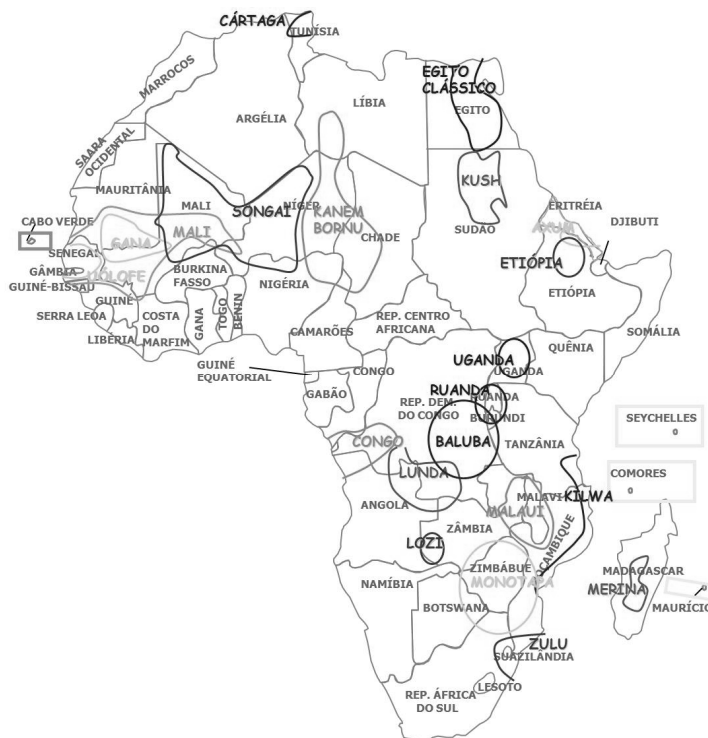
África até ao século XV

Durante milénios após o surgimento das primeiras comunidades, África esteve organizada em chefaturas, reinos, estados e impérios de dimensões variadas. Muitos dos territórios eram habitados por comunidades nómadas, dadas as circunstâncias de vida que existiam, na altura, no continente.

Após este período de tranquilidade interna, por volta do século VI, começa o processo de fixação de estrangeiros no continente com a chegada dos primeiros mercadores árabes que se fixaram na faixa oriental do continente. A partir desta altura os mercadores árabes foram se

fixando ao longo da costa, onde fundaram feitorias e entrepostos comerciais.

Foi a partir destas feitorias e entrepostos que esses primeiros árabes começaram a fazer o seu comércio com os africanos trocando tecidos, missangas, artigos de loiça, etc., por ouro, marfim, peles, penas e outros.



Os estados africanos no século XV

Como pode, então, ver, caro estudante, no século XV África era um continente afectivamente no qual a presença e influência estrangeiras estavam reduzidas a alguns pontos na costa oriental. Numa primeira fase, esses estrangeiros eram apenas os árabes que faziam comércio com as comunidades africanas locais.

Você tem ideia de quando inicia a fixação europeia em África?

Como deve se recordar, porque estudou na 9ª classe, no século XV, iniciou a chamada expansão europeia no mundo que levou à África os primeiros europeus, particularmente para a costa ocidental do continente. Desde esse período, e durante quatro séculos, os europeus foram se fixando ao longo da costa dedicando-se ao comércio com as comunidades africanas. Os europeus levavam de África ouro, marfim e escravos em troca de armas de fogo, bebidas, tecidos e outros produtos manufacturados pela indústria europeia.

Onde se fixaram os europeus durante a expansão europeia? Observe o mapa



As rotas da expansão nos séculos XV - XVI

Como viu no mapa os europeus fixaram – se em diversas regiões do mundo, sendo que no caso de África os locais de fixação foram a costa ocidental e algumas regiões da costa oriental como Moçambique.

As Razões da Presença estrangeira em África

Que motivos ditaram a fixação dos europeus em África? Terá sido a expansão europeia no século XX o início da dominação colonial em África?

É claro que não! Tanto os árabes, a partir do século VI, como os europeus, entre os séculos XV e XIX, fixaram-se em África apenas movidos por interesses comerciais. A sua preocupação era fazer comércio com as comunidades locais, obtendo, em troca, matérias-primas diversas e escravos.

O povoamento, tanto por mercadores árabes como por europeus, estava limitado a alguns locais ao longo da faixa costeira e as relações entre africanos e europeus cingiam-se a esfera económica, comercial, pelo que não havia qualquer forma de dominação dos povos africanos. Eram os chefes africanos que estavam a frente dos seus reinos, estados e impérios e controlavam a actividade produtiva e o comércio com os mercadores estrangeiros.

Com a penetração mercantil europeia em África desenvolveu-se um comércio ligando três principais pólos: África, Europa e América, constituindo-se assim, aquilo que ficou conhecido, na história, pelo nome de Comércio Triangular. A seguir vai estudar o que foi esse comércio triangular. Atenção!

Comércio Triangular

Comércio Triangular é uma expressão utilizada para designar um conjunto de relações comerciais, de carácter transcontinental, dirigidas, essencialmente, por países europeus ligando as metrópoles e os vários domínios ultramarinos.

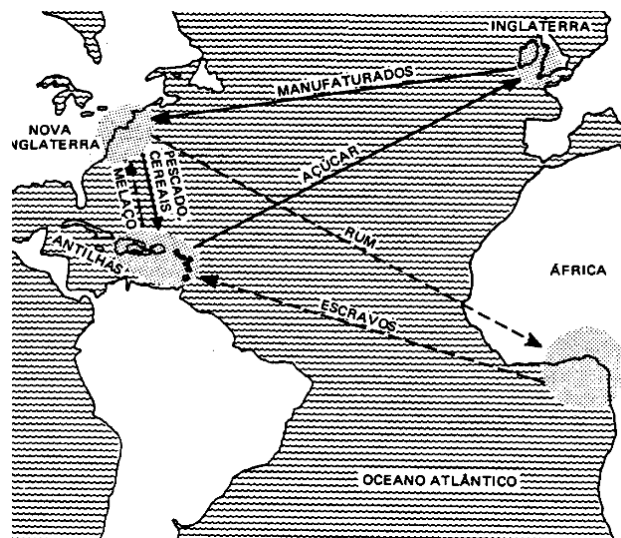
Era um comércio apoiado em três vértices geopolíticos e económicos: Europa, África e América (Norte, Centro e Sul). Embora em plano secundário existiam também relações comerciais com a Ásia.

O vértice europeu deste comércio assenta nas principais potências navais e políticas do Velho Continente: Holanda, Inglaterra, França, Espanha e Portugal.

Uma pergunta, legítima, que você coloca, deve ser, que produtos eram comercializados nesse comércio?

Muito bem, caro estudante! Neste comércio, da Europa saíam produtos manufacturados, como armas de fogo, rum, tecidos de algodão, ferro, jóias de pouco valor, entre outros artigos. O destino principal era África, onde levavam escravos em troca. Os compradores de escravos adquiriam esta “mercadoria” de europeus ou africanos, quer no litoral quer no interior. Muitas vezes eram colonos americanos a comprar directamente em África escravos, sem intermediários europeus.

Da África saíam escravos para as minas e plantações das Américas. Em troca de escravos os europeus levavam da América açúcar, tabaco, moedas de ouro e prata (ou em barra, e até mesmo em forma de letras de crédito de praças financeiras como Londres, Bordéus, Amesterdão, Nantes, Antuérpia...).



O comércio triangular

Então, pode-se falar da pilhagem do continente africano antes da ocupação imperialista?

Claro que sim! Além de não conhecer o valor da sua produção, os africanos não tinham a preocupação de obter riqueza através do comércio, mas apenas conseguir aquilo que não produziam. Este facto levou a que os africanos fossem facilmente enganados, fazendo com os europeus o

chamado comércio desigual. Além do comércio desigual a pilhagem dos povos africanos realizou-se através do tráfico de escravos, que retirou da África o seu principal recurso - o Homem.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu que até ao século XIX quando iniciou a chamada invasão do continente africano, ele era um continente independente: não existiam unidades políticas das dimensões variadas lideradas por reis, rainhas e chefes africanos de acordo com as regras, costumes e formas de estar africanos.

Antes do século XIX o contacto com os estrangeiros, que iniciou com os árabes por volta do século VI e se incrementou com a chegada dos europeus a partir do século XV estava limitado ao domínio comercial e a sua presença reduzida a uns poucos comerciantes instalados em alguns pontos na costa.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Observe atentamente o mapa seguinte



- Mencione os estados africanos no século XV, assinalado pelas letras
2. Caracterize as relações entre África e o mundo entre os séculos XV e XIX

Já respondeu? Agora compare as suas respostas com as chaves de correcção.

Chave de Correcção

1. **A** – Mali **B** – Songhai **C** – Ghana **D** – Mwenemutapa

2. Entre os séculos XV e XIX, as relações entre africanos e europeus cingiam-se a esfera económica, particularmente comercial, pelo que não havia qualquer forma de dominação dos povos africanos. Eram os chefes africanos que estavam a frente dos seus reinos, estados e impérios e controlavam a actividade produtiva e o comércio com os mercadores estrangeiros.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Identifique 5 (cinco) estados africanos do século XV.
2. Aponte a função de cada um dos vértices do comércio triangular.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 2

O interesse dos Europeus pela África

Introdução

Como já estudou, até final do século XVIII a presença europeia em África esteve limitada às regiões costeiras. Se por um lado não era imprescindível, para os europeus, ocupar os territórios africanos para tirar proveito deles, pois o comércio conseguia alimentar a manufatura europeia; por outro lado a correlação de forças África /Europa era ainda bastante equilibrada pelo que não era de todo recomendável.

Entretanto a partir do século XIX a atitude dos europeus mudou drasticamente. As nações europeias começaram a se digladiar pela ocupação de territórios em África.

A que se deve o novo interesse dos europeus pela África?

Esta lição procura esclarecer a razão por que os europeus mudaram a sua atitude em relação a África no século XIX.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

- *Caracterizar* o mapa político de África no início do século XIX.
- *Explicar* o interesse dos europeus pela África no início do século XIX.
- *Identificar* os principais exploradores que passaram pela África.

O Interesse dos Europeus Pela África

Veja algumas razões

- **Movimento contra a escravatura** - desde os princípios do século XIX a Grã - Bretanha, França e outros estados enviam esquadras militares para os três mares em volta do Continente africano (Oceano Atlântico, Oceano Índico e mar Mediterrâneo) com a finalidade de combater o tráfico escravista;
- **Movimento missionário** - as igrejas, em particular as protestantes, lançaram-se no século XIX num amplo movimento anti-esclavagista considerando que estava a ocorrer em África um verdadeiro genocídio sugerindo o controlo, incluindo a conquista, da África pela Europa para acabar com o que estava a acontecer;
- **Curiosidade Científica e o Espírito de aventura** - Apesar de constituir, desde o século XV, uma das principais fontes de riqueza para os europeus, no século XIX África continuava uma incógnita. Assim no século XIX uma das maiores preocupações dos europeus era conhecer esse "continente misterioso";
- **Impacto da Revolução Industrial** - com a revolução industrial o papel da África para a Europa modifica-se. Se até ao século XIX a África era o principal fornecedor de braços às plantações e minas nas Américas, a partir desta altura já não era isso que interessa à Europa. O que os Europeus queriam agora era ver África a produzir matérias-primas para a Europa e absorver a crescente produção industrial europeia. Após a Revolução Industrial os africanos eram mais úteis como produtores de matérias – primas, e ao mesmo tempo como consumidores dessa mesma produção industrial nos seus locais de origem do que enviados como escravos às Américas.

As Viagens Exploratórias

Se as razões expostas anteriormente justificam o interesse dos europeus pelo interior do continente Africano; no início do século XIX, ainda não estavam criadas as condições para a penetração, pois a "África era uma incógnita". Os europeus não tinham nenhum conhecimento sobre as terras africanas, os seus habitantes, os perigos que os esperavam, as vias de acesso, entre outras razões.

O avanço dos europeus para o interior da África só foi possível graças à acção dos exploradores. Com efeito desde princípios do século XIX, colunas militares, mercadores e missionários começaram a palmilhar o continente. O objectivo era estudar, fazer o reconhecimento do mesmo.

As principais Viagens Exploratórias

As viagens exploratórias ou de reconhecimento tinham como principal objectivo produzir o máximo de informação sobre o continente africano e em particular as vias e condições de acesso não interior. Portanto as

viagens exploratórias incidiram sobre as principais vias de acesso ao interior (os rios). Veja por zonas as principais expedições realizadas...

África Ocidental

Na África Ocidental a principal dúvida estava em torno do curso do Níger, que até ao século XIX alimentava as mais diversas interpretações. Para seguir o curso do Níger, a Grã-Bretanha criou em 1778, através de sir Joseph Banks, a Associação Africana.

As duas primeiras expedições foram lançadas a partir da Serra Leoa, com Houghton à cabeça, e do Egipto, sob a liderança de Hornemann. Os dois exibicionistas sucumbiram diante dos obstáculos que se lhes colocaram. O primeiro foi vítima da hostilidade dos mouros enquanto Hornemann desapareceu no deserto.

Em 1795 foi a vez de Mungo Park acompanhado por cerca de 40 homens, a partir da Gâmbia. Após enfrentar verdadeiras agruras, conseguiu chegar a Segu, mas não conseguiu alcançar o destino Tombuctu e morreu nos rápidos de Bussa quando tentava seguir até a foz.

No início do século XIX, novas expedições foram lançadas pelo governo britânico. Vejamos...

- 1821 - Denhan e Clapperton partiram de Trípolis em direcção ao Chade e conseguiram alcançar Socoto;
- 1825 - Clapperton foi enviado para a costa da Guiné para tentar localizar o porto de Rakah.
- No prosseguimento da sua missão exploratória, Clapperton juntou-se a Richard Lander com quem visitou o Yoruba, o Socoto e chegou ao Níger. Após a morte de Clapperton, Richard juntou-se a seu irmão Jean e, sob a bandeira britânica, percorreram o curso do Níger e, finalmente, representaram num mapa o curso exacto do rio;
- 1826 - Gordon Laing partindo de Trípolis, alcançou Tombuctu;
- 1827 - René Cailé partiu da costa da Guiné em direcção a Tombuctu. Em seguida conseguiu chegar a Fez no sul de Marrocos.
- 1850 - Henri Barth - alemão que viajou por conta do governo britânico foi, o maior explorador da África ocidental. O seu Périplo inclui Air, País Haússa e Bornu, curso superior do rio Benué, Gwandu e Tombuctu. Ao contrário da maioria dos outros exploradores, que se limitou a descoberta de novos objectos geográficos, Barth, fez registos de valor inestimável sobre a vida das comunidades do interior da África.

África Oriental e Central

Nesta região a principal preocupação aspecto que se pretendia esclarecer era descobrir a nascente do rio Nilo, mas não só.

De facto, os primeiros exploradores que passaram pela região foram os missionários Rebmann e Krapf. Enquanto Rebmann conseguiu ser o primeiro europeu a escalar o cume do monte Kilimanjaro, Krapf traçou um mapa da região, embora com muito pouca informação.

Em conjunto Rebmann e Krapf compilaram o primeiro dicionário e a primeira gramática swaílis.

Em 1858, foi a vez de Burton e Speke ao serviço da Sociedade Real de Geografia descobrirem o lago Tanganyica. Com Burton doente, Speke descobriu um grande lago a que chamou Vitória.

Em 1860 Speke contornou o lago Vitória e apercebeu que aí nascia um enorme rio. Tendo depois concluído que tratar-se do rio Nilo.

Samuel Baker e esposa descobriram o lago Alberto.

África Central e Austral

O principal explorador desta região foi o inglês David Livingstone. Ele chegou à África do Sul em 1849, tendo atravessado o deserto de Calaari, antes de descobrir o lago Ngami. Depois seguiu para Ocidente até Luanda. Depois seguiu pelo Zambeze de Oeste a Leste tendo chegado às cataratas do Zambeze a que chamou quedas Vitória. Em 1856 chegou ao Oceano Índico e, dois anos mais tarde descobriu o lago Niassa. Depois alcançou o Tanganyica e o Lualaba. Morreu em 1873, em África.

Henri Morton Stanley - veio pela primeira vez a África em 1858 com o objectivo de convencer David Livingstone a regressar a Inglaterra, mas teve que retornar sem sucesso pois Livingstone recusou-se a segui-lo.

Em 1875 Henri M. Stanley retornou a África e, tendo contornado o lago Vitória, confirmou a descoberta de Speke sobre a nascente do Nilo. Constatou que o lago Tanganyica não tinha saída para o norte e que o Lualaba conduzia ao rio Congo.

Com as descobertas de Stanley ficaram esclarecidas todas as interrogações sobre as principais vias de acesso ao interior do continente africano.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu. Após vários séculos de presença em África sem avançar para o interior do continente, a partir do século os europeus foram movidos por diferentes interesses a se interessar pelo interior da África.

O passo inicial para a conquista, foi lançar expedições de reconhecimento ao continente para obter informações que tornassem possível aquele desiderato.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Faça corresponder, através de setas, os exploradores da coluna A às descobertas da coluna B

Coluna A	Coluna B
1. H.M. Stanley	A. Em 1858, ao serviço da Sociedade Real de Geografia descobriu, juntamente com Speke o lago Tanganyica
2. Samuel Baker	B. Seguiu pelo Zambeze de Oeste a Leste tendo chegado às cataratas do Zambeze a que chamou quedas Vitória
3. Gordon Laing	C. Na companhia da esposa descobriu o lago Alberto
4. Burton	D. Passou por País Haússa e Bornu, curso superior do rio Benué, Gwandu e Tombuctu e, além da descoberta de novos objectos geográficos, fez registos sobre a vida das comunidades.
5. Livingstone	E. 1826 - Partindo de Trípolis, alcançou Tombuctu.
6. Henri Barth	F. Constatou que o lago Tanganyica não tinha saída para o norte e que o Lualaba conduzia ao rio Congo

2. Compare as suas respostas com as soluções que te são propostas a seguir.

- | | | |
|------|------|------|
| 1. F | 3. E | 5. B |
| 2. C | 4. A | 6. D |

Avaliação



Avaliação

1. Descreva o mapa político da África no início do século XIX
2. Explique os factores económicos do interesse dos europeus pelo interior da África
3. Faça corresponder, através de setas, as colunas A e B de modo a obter a indicação correcta das áreas por onde cada explorador passou.

A

1. H.M. Stanley
2. Samuel Baker
3. Gordon Laing
4. Burton
5. Livingstone
6. Henri Barth

B

A. África ocidental
B. África Oriental e Central
C. África Central e Austral

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 3

A Corrida Imperialista e a Partilha de África

Introdução

Até ao final do terceiro quarto do século XIX a presença europeia em África era ainda bastante reduzida. Inglaterra, Alemanha, França, Portugal exerciam alguma influência em África e tinham interesses comerciais. Mas o controle político era quase nulo, pois nenhum estado estava interessado em suportar despesas de ocupação para obter aquilo que se podia ter através do controle indirecto.

O período de 1880 a 1935 ficou na História pelas rápidas mudanças que aconteceram. Particular incidência é para os compreendidos entre 1880 e 1910, que foi período de conquista e ocupação de África pelos europeus.

Nesta lição irá, pois, caro aluno, estudar o processo que resultou nessa conquista e ocupação

Preste atenção!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

- *Descrever* o mapa político da África nas vésperas da Partilha.
- *Explicar* as origens da corrida imperialista em África.



Objectivos

A corrida Imperialista e a Partilha de África

O Mapa Político de África nas Vésperas da Partilha

Depois de cerca de três séculos em África, em 1880 os europeus ocupavam apenas algumas regiões ao longo da costa, cuja extensão representava cerca de 20% do território africano. A única região em que se notava a presença europeia no interior era o extremo sul do continente, onde havia europeus no interior da cidade do Cabo. O restante do continente africano mantinha a sua total autonomia sob a direcção dos reis, rainhas e chefes africanos.

A França que, à chegada de Stanley, já tinha Brazza em missão exploratória não cedeu às pretensões belgas e instalou-se a disputa da região entre estes dois países. Paralelamente, lançou-se na consolidação do seu domínio nos territórios sob sua influência, nomeadamente Madagáscar, Argélia e outros.

Por seu turno os portugueses, temendo perder os territórios que consideravam de sua influência, começaram a ocupar os seus territórios do interior de Moçambique.

Era o início da corrida entre os estados europeus pela ocupação de territórios, e que rapidamente iria envolver outros estados.

A Inglaterra, não querendo ficar atrás, começou a mudar a sua atitude em relação as áreas de sua influência optando por impor maior domínio. Já a Alemanha, que até esta altura tinha se instalado em Walvis Bay, Namíbia, começou a avançar para o interior.

Esta corrida imperialista não foi pacífica, mas sim marcada por conflitos. Na busca de soluções para os conflitos inter-imperialistas, que ameaçavam levar a confrontação, Portugal avançou a proposta de uma conferência internacional. Esta ideia não vingou sob os auspícios dos portugueses, mas foi retomada pelos alemães que, em 1884/85, organizaram a Conferência de Berlim.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu que no último quartel do século XIX, e vésperas da partilha de África, a presença europeia em África estava limitada a cerca de 20% do território africano. Em todo o resto do continente mantinha-se a autonomia dos estados africanos com os seus reis, rainhas e chefes. Este período iria, porém, ser marcado por uma enorme disputa de territórios em África a que se convencionou chamar Corrida Imperialista.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Assinale com **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas a cerca da invasão do continente africano
 - a) Depois de cerca de três séculos em África, em 1880 os europeus ocupavam quase toda a África, exceptuando cerca de 20% do continente.
 - b) Em 1914 toda a África, exceptuando a Etiópia e a Libéria, encontrava-se sob domínio dos europeus ou em vias disso.
 - c) Corrida imperialista é como se chamou o ambiente de disputa entre os estados europeus pela África, nas décadas de 1870/80.
 - d) Um dos factores da corrida imperialista em África foi a vinda de Stanley a mando do Jornal New York Herold.
 - e) Na região do Congo os interesses franceses eram representados por Brazza e os da Bélgica por Stanley.
 - f) No âmbito da corrida imperialista a Alemanha, partiu de Walvis Bay, em direcção ao interior.
 - g) A conferência de Berlim para pôr cobro à corrida imperialista foi convocada por Portugal.
 - h) A Conferência de Berlim realizou na Alemanha entre Novembro de 1884 e Fevereiro de 1885, organizaram.

Respostas

1. a) V b) V c) V d) F e) V f) V g) F h) F

Avaliação



Avaliação

1. Defina corrida imperialista
2. Explique os factores que despoletaram a corrida imperialista

Lição 4

A Conferência de Berlim

Introdução

Um dos marcos do último quartel do século XIX foi a rivalidade e a disputa entre as principais potências capitalistas pelo controlo do continente africano.

No início da década de 1880 as rivalidades ameaçavam explodir a qualquer momento, e transformar-se numa confrontação militar.

Ora nesta lição você irá estudar como é que as potências se esforçaram por impedir que se chegasse a uma situação de confrontação que colocasse em causa os interesses das próprias potências.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

- *Explicar* as razões da conferência de Berlim.
- *Explicar* os antecedentes da Conferência de Berlim.
- *Identificar* as decisões da Conferência de Berlim.

A conferência de Berlim

Caro estudante, preste atenção, para perceber como é que o mundo chegou à famosa Conferência de Berlim.

Antecedentes: o Tratado do Zaire

Na segunda metade do século XIX, quando a disputa dos territórios africanos ganhava ímpeto, Ferreira do Amaral, então governador geral de Angola, designa Brito Capelo para assegurar a posse das regiões que confinam com o paralelo de 5°12' sul e assinar tratados com os chefes locais, estabelecendo a soberania portuguesa nos territórios de Cacongo e Massábi.

A França e Inglaterra mostram-se preocupadas com a iniciativa pelo que foi assinado entre Portugal e Inglaterra, a 26 de Fevereiro de 1884 em Londres, um acordo: o Tratado do Zaire.

Este tratado foi contestado pelos outros estados europeus (França, Alemanha, Espanha e Holanda) e pelos Estados Unidos da América.

Para este grupo de países, aceitar o tratado de Zaire era o mesmo que reconhecer os direitos históricos de Portugal. Por outro lado, era reconhecer o exercício de um poder exclusivo de policiamento e fiscalização do curso superior do Zaire por parte de Inglaterra e de Portugal.

Por outro lado, por este tratado, Portugal e Inglaterra ficavam, de facto, unidos contra a política africana da França e de Leopoldo II.

Perante a exigência de reconhecimento de outras potências, Portugal propôs uma conferência internacional para tratar das questões pendentes. A Inglaterra não concorda com a sugestão. Pouco depois Leopoldo II sugere, a reunião de uma conferência internacional destinada a delimitar os territórios em África sobre que as diversas potências alegassem direitos. Nasce, assim, a Conferência de Berlim.

Causas, Objectivos e Decisões da Conferência de Berlim

A principal razão que levou à convocação da Conferência de Berlim foram os conflitos entre os estados europeus motivados pela disputa de territórios em África.

Quais Eram os Objectivos de Tal Conferência?

Se tivermos em conta que a motivação principal da Conferência eram os conflitos inter imperialistas, então fica claro que esta devia se debruçar essencialmente sobre este problema que punha em causa os interesses das potências europeias.

Assim podemos concluir que os objectivos da Conferência de Berlim foram:

- A eliminação e prevenção de conflitos, relacionados com a partilha, entre os estados europeus,
- Estabelecimento dos mecanismos da partilha.

Nesta importante reunião estiveram representados todos os estados com interesses expansionistas, maioritariamente europeus, mas também de outros continentes.

As nações representadas no congresso pelos seus ministros e delegados são as seguintes:

<i>País</i>	<i>Representante</i>	<i>Função</i>
Alemanha	Bismarck	Presidente
	Conde de Hartfeald	Ministro dos negócios estrangeiros;
	M. Busch, M. Kuserow	Subsecretário; Conselheiro da embaixada
Austria-Hungria	conde Szechenyi	Embaixador de corte de Berlim.
Bélgica	conde Van der Straesem Ponthoz	Ministro plenipotenciário;
	M. Sanford, barão Lanbermont	Enviado extraordinário
	M. Barning.	Director Geral dos negócios estrangeiros, delegado
Dinamarca	M. de Vind	Ministro plenipotenciário
Estados Unidos	M. John A. Kasson	Ministro plenipotenciário
França	M. Sanford	Delegado
	M. De Courcel	Embaixador
	Dr. Ballay, M. Desbuissons	Delegado
Espanha	M. Englhardt	Delegado
	Conde de Benomar	Ministro, delegado
	Coelho	Coronel de Engenheiros, delegado
Inglaterra	Sir Edward Malet,	Embaixador
	Robert bH. Meade	Delegado
	Percy Anderson	Delegado
	Archer-Crowe	Delegado
	A. W. Hemmings	Delegado
Itália	Conde de Launay	Embaixador
	Barão Negri	Enviado extraordinário
	M. Montegazza	Senador delegado
Países baixos	M. Van der Hoeven	Ministro plenipotenciário;
	M. De Bloeme	Delegado
Portugal	Marquez de Penafiel	Embaixador
	António de Serpa	Enviado extraordinário;
	Luciano Cordeiro	Secretário da sociedade de Geografia de Lisboa, delegado
Rússia	Conde Kapnist	Enviado extraordinário
Suécia e Noruega	M. Dowrojirow,	Agregado militar à embaixada da Rússia em Berlim, delegado
	General barão de Bildt.	
Turquia	Said-pachá.	

Você, tem ideia sobre o que é que foi decidido naquela grande conferência internacional?

Então leia o extracto que se segue.

Leitura

Estas nações reuniram-se em conferência a convite do governo imperial Alemão, e concordaram sob as seguintes declarações:

1 O comercio de todas as nações gozarão de uma completa liberdade”

1º Em todos os territórios que constituem a bacia hidrográfica do Congo e seus afluentes. Esta costa é delimitada ao Norte pelas costas do Niari, Ogooué, Shire e Nilo, a Este pelo Lago Tanganika, ao Sul pela costa do Zambeze e logo, compreendendo portanto, todos os territórios regados pelo Congo e seus afluentes, incluindo o lago Tanganica e seus tributários orientais.

2º Na zona marítima que se estende sobre o Oceano Atlântico, desde Setta-Camma até embocadura do Loge. O limite setentrional seguirá o curso do rio que desemboca em Sette-Camma, e a partir de sua origem se dirigirá por Este até à junção com a bacia hidrográfica do Congo.

3º Na zona que se prolonga a Este, do Congo, como já estava limitada até ao Oceano Indico, desde o 5 (quinto) grau de latitude Norte até a embocadura do Zambeze, ao Sul deste ponto alinha de demarcação seguirá o Zambeze até 5 milhas acima do confluente do Shire, e continuará pela linha mais lata que serve de separação às águas que correm até ao lago Niassa e aos tributários do Zambeze, para demarcar finalmente a linha de separação das águas de Zambeze e do Congo.

Ao estender à zona oriental o princípio de liberdade do comercio, este principio não será aplicado aos territórios que pertençam actualmente a qualquer estado independente e soberano, salvo quando a isso prestem consentimento. As potências acordarão empregarem toda a sua influência junto, de assegurar a todas as nações, as condições mais vantajosas para o seu comércio.

“II - Todas as bandeiras, sem distinção da nacionalidade, terão livre acesso em todo litoral dos territórios enumerados”

“III - As mercadorias importadas nestes territórios ficam livres de direitos de entrada e de trânsito. As potências reservam-se o direito de decidir, ao fim de um período de vinte anos, se convirá continuar a manter a franquia de entrada”.

“IV - Toda a potência que exerça actualmente ou de futuro direitos de soberanias nos territórios mencionados, não poderá conceder neles nenhuma espécie de monopólio ou privilégio em matéria comercial”.

“V - Todas as potências que exerçam soberania ou influencia nos mencionados territórios, se comprometem a valer pela conservação da população indígena e pelo melhoramento das suas condições morais e sobretudo do tráfico de negros; outros, sim, protegerão sem distinção de nacionalidade nem religião, todas as instituições e empresas religiosas, científicas e caritativas, que tendam a instruir os indígenas e a fazer compreender as vantagens da civilização...”

Lendo atentamente o extracto, verificamos que os pontos I a IV debruçam sobre a liberalização do comércio nas principais bacias hidrográficas, particularmente do Zambeze e de Congo.

O ponto V determina a obrigatoriedade de as potências europeias imporem a civilização europeia o que por outras palavras significa remover toda a estrutura tradicional africana e substituí-la pela europeia o que significa ocupar efectivamente as regiões em causa.

Portanto, em forma de síntese podemos dizer as decisões da Conferência de Berlim podem ser resumidas a três:

- Reconhecimento do Estado Livre do Congo;
- Liberalização do comércio nas bacias do Congo e Níger;

- Estabelecimento do princípio da ocupação efectiva.

Ao abrir as principais bacias hidrográficas ao livre comércio das diferentes potências europeias e adoptar o princípio de ocupação efectiva, a Conferência de Berlim, procurou atacar a principal razão de conflito entre os países imperialistas, que era a disputa de territórios em África.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu Diante do ambiente de conflito e tendo em vista conter esses conflitos, entre 15 de Novembro de 1884 e 26 de Fevereiro de 1885, realizou-se em Berlim uma conferência Internacional. Esta conferência, antecedida pelo tratado de Zaire, procurou estancar as rivalidades e disputas estabelecendo regras tanto em relação ao comércio como a ocupação do continente.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Leia o documento seguinte e responda.

Reuniu-se no dia 15 de Novembro último, em Berlim, uma conferência internacional de várias potências coloniais ou que se presumem colónias, para regular a navegação e comércio no Zaire, demarcar os limites ocupados por Portugal, o principal Senhor daquela região, e de outras nações que ali ocupam pequenas extensões, como a França, Inglaterra e ultimamente a Alemanha.

- ✓ Sublinhe a (s) passagem (ns) o documento, que reflectem o objectivo da Conferência de Berlim de acabar com os conflitos inter imperialistas.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Chave de Correção

De acordo com o documento poderíamos assinalar dois aspectos.

- Regular a navegação e o comércio no Zaire, e
- Demarcar os limites ocupados por Portugal, o principal Senhor daquela região, e de outras nações que ali ocupam pequenas extensões.

Certamente você assinalou uma delas! Muito bem! É isso mesmo. As disputas entre os estados europeus eram motivadas pelo controlo das principais bacias hidrográficas e pela partilha da África, por isso cada uma daquelas acções contribuía para acabar com os conflitos.

Avaliação



Avaliação

1. Refira-se aos subscritores e aos termos do Tratado de Zaire.
2. Mencione cinco países participantes da conferência de Berlim
3. Explique o conteúdo do Princípio de Ocupação Efectiva.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 5

A Partilha e Conquista de África

Introdução

Entre as várias deliberações que saíram da Conferência de Berlim, o princípio da ocupação efectiva foi o que maior impacto teve na evolução posterior da África. Segundo este princípio, a presença na costa não dava direitos sobre as terras do interior pelo que qualquer potência que reclamasse autoridade sobre determinado território devia proceder à sua ocupação efectiva.

Em observância a esta determinação da Conferência de Berlim, logo depois da sua realização, os estados europeus lançaram-se na conquista. Você, vai, então, ao longo da presente lição estudar como se processou a conquista de África e que territórios foram ocupados nesse processo, bem como os países europeus envolvidos.

Bom estudo!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

- *Identificar* as vias de conquista utilizadas
- *Analisar* a evolução do mapa político de África no limiar do século XX
- *Identificar* os diversos impérios colónias em África

A partilha e Conquista de África

A partilha de África

Entre as várias deliberações que saíram da Conferência de Berlim, o princípio da ocupação efectiva foi o que maior impacto teve na evolução posterior da África. Segundo este princípio, a presença na costa não dava direitos sobre as terras do interior pelo que qualquer potência que reclamasse autoridade sobre determinado território devia proceder à sua ocupação efectiva. Com este enunciado ficava claro que as terras que não estivessem sob ocupação efectiva podiam ser tomadas por qualquer potência.

Pois bem, diante desta decisão todas as potências viram-se forçadas a agir no sentido de preservar as suas áreas de influência. Assim, logo depois da conferência de Berlim os estados europeus lançaram-se na conquista.

Neste processo foi essencialmente duas as vias utilizadas: os tratados e a militar.

Os Tratados

No período a seguir à conferência de Berlim, no qual a maior pretensão dos estados europeus era a ocupação de África, os tratados constituíram um dos principais instrumentos.

Existiam dois tipos de tratados: não-europeus e bilaterais.

Os Tratados Afro-Europeus

Eram assinados entre os chefes africanos e os europeus. Estes tratados subdividiam-se em dois tipos:

- **Tratados comerciais ou ligados ao tráfico de escravos** - que originaram a intervenção política europeia em África.
- **Tratados políticos** - através dos quais os chefes africanos faziam concessões aos europeus em troca da protecção. Os tratados políticos eram feitos entre os africanos e representantes dos governos europeus ou organizações privadas que depois cediam os acordos aos seus governos. Os acordos políticos não produziam, só por si, resultados concretos em termos de ocupação, mas eram usados tanto como pretexto para a ocupação, bem como instrumento para conseguir vantagens nas disputas com outros estados.

Caro estudante, tendo em conta que os tratados afro-europeus conduziram à ocupação dos territórios africanos, podemos considerar que os chefes africanos hipotecaram a independência e liberdade dos seus povos? Pode-se dizer que foram traidores?

À primeira vista parece exactamente isso o que aconteceu, entretanto, isso não constitui a realidade. Para os chefes africanos estes tratados não foram assinados tendo em vista renunciar à sua soberania, mas sim com a finalidade de dar o melhor ao seu povo. Em alguns casos, tendo em conta que existiam conflitos entre os estados africanos, esses tratados foram assinados para estreitar relações com um estado europeu de modo a superiorizar-se aos seus inimigos. Noutros casos os estados africanos pretendiam com os tratados obter alianças que os permitissem libertar-se do domínio de outros estados, ou o estado dominador procurava reforçar seu poder para perpetuar o seu domínio. Havia ainda casos em que os tratados visavam permitir maior capacidade para enfrentar a ameaça de outros estados europeus.

Os Tratados Bilaterais

Os tratados bilaterais são aqueles que foram assinados entre as potências europeias.

Em regra, os tratados bilaterais são assinados a seguir à delimitação das áreas de influência pelas potências. Sempre que um estado europeu

determinasse a sua área de influência era preciso que os outros países aceitassem ou, no mínimo, não contestassem para que se considerasse válida a posse. Entretanto como as áreas de influência eram frequentemente contestadas tornavam-se quase sempre necessários os tratados para resolver as disputas territoriais.

Os Principais Focos de Conflitos Inter-Imperialistas

A África ocidental tornou-se foco de conflitos entre ingleses e franceses.

A França, instalada no Senegal tenta expandir-se para o Níger e envia missões a partir da Costa do Marfim e do Daomé para a curva do Níger para se fixar a volta do país Mossi. Na mesma altura a Grã-Bretanha que se fixara na Ashantia e no baixo Níger tenta avançar para o norte para controlar o país Mossi e os sultanatos peules. O conflito entre os dois países estendeu-se igualmente aos países do Alto Volta e ao Chade.

Nos Camarões existiam missionários ingleses que trabalhavam há vários anos, os alemães assinaram, em 1884, tratados com os chefes locais. As reivindicações inglesas e o avanço dos franceses a partir da Guiné geraram, na região um conflito tripartido.

As disputas entre as potências imperialistas na África ocidental só seriam ultrapassadas após a assinatura da Convenção do Níger em 1898 que veio regulamentar a partilha da região entre as potências.

Na África Equatorial, oriental e central França e Bélgica disputavam o Congo. A assinatura dos acordos do francês Brazza com os Makololo originou um conflito franco-belga na região que também era pretendida pelo rei Leopoldo II. Não tendo havido entendimento, a disputa foi levada à Conferência de Berlim onde Estados Unidos e Alemanha sustentaram as pretensões belgas, tendo sido reconhecido o Estado Livre do Congo. Os acordos de 1891 e 1894 permitiram a fixação das fronteiras do novo estado com Angola portuguesa.

Na África central e do sul a Inglaterra e Portugal foram os principais protagonistas. O choque de interesses entre portugueses que pretendiam criar um império ligando Moçambique e Angola e os ingleses que sonhavam com um império que se estendesse do Cabo ao Cairo, eclodiu nos meados da década de 1880. Em 1890 a Inglaterra enviou um ultimato a Portugal exigindo a sua retirada dos territórios correspondentes aos actuais Zimbabwe e Zâmbia. Após esta acção de força da Inglaterra, Portugal assinou com este país um tratado de fronteiras em 1891, através do qual foram delimitadas as áreas de cada potência.

No Sudoeste africano os alemães que se tinham instalado em Welvis Bay desde 1842 começaram a avançar em direcção ao interior. Este avanço provocou uma reacção dos ingleses, pois via o seu plano Cabo - Cairo em perigo. Os acordos de Abril e Maio de 1885 demarcaram as áreas inglesas e alemãs na região.

Na África oriental a disputa envolveu alemães e ingleses. Em 1884 o alemão Karl Peters assinou tratados no Tanganyica que foram publicados logo depois da Conferência de Berlim. A Grã-Bretanha receando a ocupação de toda a África oriental pelos alemães decidiu ocupar algumas

zonas para travar o avanço alemão. O tratado de Heligoland viria a por fim as disputas na África oriental ficando Uganda com os ingleses em troca pela ilha de Heligoland.

No nordeste, França e Inglaterra degladiavam pela materialização dos seus projectos coloniais. Em 1894, a França organizou uma missão chefiada por Marchand que devia partir do Congo ao Nilo e estabelecer a ligação Dacar-Djibuti. Após percorrer cerca de 4000km Marchand içou a bandeira francesa em Fachoda nas margens do Nilo. Os ingleses representados por Kitchener protestaram e exigiram a retirada francesa.

Face a iminência de deterioração das relações entre os dois países, numa altura em que se procurava a união em torno da tríplice entente, em 1899 foi assinada a Convenção Anglo-Egípcia que determinou a entrega do Sudão aos ingleses que em troca reconheciam a soberania francesa a oeste do Egito.

Alguns tratados bilaterais europeus de partilha:

<i>Tratado anglo-alemão (29/4 e 7/5/1885)</i>	<i>Definiu as zonas de influência da Inglaterra e da Alemanha no Sudoeste Africano;</i>
<i>Tratado anglo-alemão (1/11/1886)</i>	<i>Coloca Zanzibar sob influência britânica e a África Oriental fica com a Alemanha</i>
<i>Tratado de Heligoland</i>	<i>Dividiu a África Oriental britânicos e Alemães.</i>
<i>Tratados anglo-alemães (1890-93)</i>	<i>Deram à Inglaterra, direitos sobre o Alto Nilo;</i>
<i>Tratado anglo/italiano (1891)</i>	
<i>Tratados franco/português, Luso/germânico (1886) e anglo-português (1891)</i>	<i>Reconhecem a influência portuguesa em Moçambique e Angola e demarcam as áreas inglesas na região austral;</i>
<i>Tratado entre a Inglaterra e o Estado Livre do Congo</i>	<i>Fixou os limites do Estado Livre do Congo;</i>
<i>Convenção do Níger (1898)</i>	<i>Pôs fim as disputas entre França e Inglaterra na África Ocidental;</i>
<i>Convenção Anglo-francesa (1899)</i>	<i>Regulamentou a questão egípcia;</i>
<i>Tratado de Vereeniging (1902)</i>	<i>Pôs fim à guerra anglo-boer.</i>

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu Segundo o Princípio de ocupação efectiva estabelecida em Berlim, qualquer potência que reclamasse autoridade sobre determinado território devia proceder à sua ocupação efectiva.

Pois bem, diante desta decisão todas as potências viram-se forçadas a agir no sentido de preservar as suas áreas de influência. Assim, logo depois da conferência de Berlim os estados europeus lançaram-se na conquista. Neste processo foram essencialmente duas as vias utilizadas: os tratados e a militar.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Assinale com um **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas sobre a ocupação efectiva da África.

- a) A seguir à conferência de Berlim, iniciou a ocupação de África, tendo como vias os tratados e as acções militares.
- b) Ao assinar tratados políticos com os europeus, os chefes africanos renunciaram conscientemente à sua soberania.
- c) Os tratados bilaterais eram assinados entre as potências europeias e os chefes africanos.
- d) Graças aos tratados bilaterais foi possível evitar muitos dos conflitos inter imperialistas.
- e) No âmbito da ocupação da África, a França e a Inglaterra disputavam, entre outros territórios, a África Ocidental.

1. a) V b) F c) F d) V e) V

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Refira-se a importância dos tratados para a efectivação do processo de conquista
2. Faça corresponder através de setas as colunas A e B sobre os tratados bilaterais europeus.

- | | |
|---|--|
| 1. Tratado anglo-alemão (29/4 e 7/5/1885) | A. Pôs fim as disputas entre França e Inglaterra na África Ocidental; |
| 2. Tratado anglo-alemão (1/11/1886) | B. Pôs fim à guerra anglo-boer |
| 3. Tratado anglo/italiano (1891) | C. Deu à Inglaterra, direitos sobre o Alto Nilo; |
| 4. Tratado entre a Inglaterra e o Estado Livre do Congo | D. Definiu as zonas de influência da Inglaterra e da Alemanha no Sudoeste Africano; |
| 5. Convenção do Níger (1898) | E. Fixou os limites do Estado Livre do Congo; |
| 6. Convenção Anglo-francesa (1899) | F. F. Coloca Zanzibar sob influência britânica e a África Oriental fica com a Alemanha |
| 7. Tratado de Vereeniging (1902) | G. Regulamentou a questão egípcia; |

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 6

Dos Tratados à Conquista Militar

Introdução

Como já foi referido na lição anterior, os chefes africanos nunca teriam assinado tratados com os europeus com a intenção de hipotecar a soberania e independência do seu povo. E, muito menos renunciar ao seu poder. Entretanto, não raras vezes, após assinar os ditos tratados convencidos de rubricar tratados de comércio ou para obter benefícios, viam, de seguida, movimentações de europeus em seu território ameaçando claramente a sua soberania e independência. Diante da ameaça, os chefes africanos, arrastando seus povos procuraram impedir a ocupação.

Nesta lição, você, vai então estudar este processo de conquista e resistência militar africana.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

- *Caracterizar* o mapa político de África em 1891.
- *Explicar* a origem da radicalização de posições entre africanos e europeus.
- *Descrever* a conquista nas diferentes regiões de África.
- *Caracterizar* o mapa político de África nas vésperas da primeira Guerra Mundial.

Dos tratados à Conquista Militar

Os tratados tanto afro - europeus, como bilaterais eram bastante diversos em matéria de sua validade. Se é verdade que alguns dos tratados afro-europeus eram legais, muitos eram indefensáveis ou simplesmente condenáveis.

Com efeito muitos desses tratados foram rubricados como forma de os africanos conseguirem uma melhor convivência com os europeus, que eram claramente mais fortes, e não como aceitação dos africanos aos termos dos acordos.

Noutras ocasiões, os africanos eram simplesmente ludibriados quanto ao teor dos documentos assinados.

Em certas ocasiões, os africanos, por suspeitarem das razões apresentadas pelos europeus para a conclusão desses tratados, recusavam e evitavam participar deles. Contudo, devido a fortes pressões, acabavam por aceitar.

Muitas vezes, africanos e europeus divergiam sobre o verdadeiro sentido do acordo a que tinham chegado. Para os chefes africanos esses tratados eram acordos de cooperação que de forma nenhuma poderiam por em causa a sua soberania. Entre os europeus a opinião sobre a validade dos tratados eram variáveis. Uns achavam os tratados legítimos, enquanto outros consideravam-nos fraudulentos. Contudo, muitos destes tratados acabaram sendo validados pelo jogo diplomático europeu.

A legitimidade dos tratados bilaterais europeus que decidiam sobre os territórios africanos, só podia ser admitida à luz do direito positivo europeu, segundo o qual *“a força é fonte de todo o direito”*.

Para os estadistas europeus era claro que a definição de uma esfera de influência através de um acordo entre estados europeus não tinha legitimidade para retirar soberania à região afectada. Assim as potências amigas podiam aceitar o controlo de uma nação amiga sobre determinada área considerada de sua influência, mas as potências inimigas, como é óbvio, raramente cumpriam.

Portanto, os tratados só por si não tinham força suficiente para levar a bom termo a ideia de conquista de África. A efectivação da ocupação do continente só podia ser assegurada pela via militar.



O estados da África Ocidental nas vésperas da partilha

A Conquista Militar

A Conquista Francesa

Os franceses foram os que mais se destacaram no recurso à força militar. O facto de a missão de conquista ter sido confiada aos militares explica a primazia da opção militar no esforço de conquista.

Na África Ocidental os franceses avançaram do Alto ao Baixo Níger, num percurso que os levou a subjugar sucessivamente o reino de Caior de Lat Dior Diop em 1886, o império Soninke de Mamadu Lamine em 1887, o império Mandinga de Samori Touré em 1898 e o império Tukulor de Ahmadu entre 1889 e 1891. Ainda na África Ocidental os franceses ocuparam a Costa do Marfim e a Guiné Francesa em 1893 e em 1894 concluíram a conquista do Daomé.

Nos finais dos anos 1890 todo o Gabão tinha sido tomado e reforçadas as posições francesas na Argélia e Madagáscar.

A Conquista Britânica

Teve como ponto de partida as suas possessões na Costa do Ouro e na Nigéria. A pretensão inicial era bloquear o avanço francês para o Baixo Níger e para o interior do reino Ashanti.

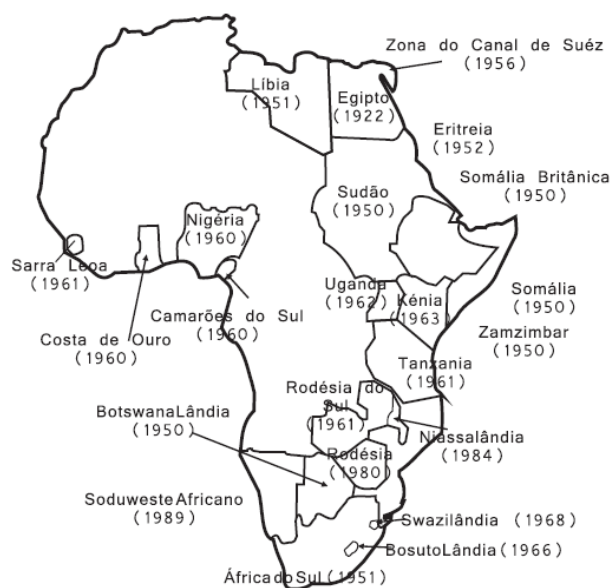
Contrariamente aos franceses, os ingleses não eram favoráveis a elevados gastos com as campanhas de ocupação. Assim, para os ingleses a opção militar só foi considerada quando a diplomacia não surtia os efeitos desejados.

As conquistas britânicas levaram à ocupação de Ashanti em 1901, ano em que os territórios a norte deste reino, ocupados em 1896 e 1898, foram formalmente anexos.

Partindo de Lagos, os ingleses lançaram-se à conquista da Nigéria. Em 1893 o reino Yoruba foi proclamado protectorado e no ano seguinte conquistado o reino Itsekiri. Em 1887 o rei Jaja de Opobo caiu numa cilada do cônsul britânico, preso.

Nos últimos anos de 1890 Brass e Benin foram também conquistados. Portanto, cerca de 1900 todo o sul da Nigéria estava ocupado pelos ingleses.

A conquista do norte da Nigéria partiu de Nupe, uma área sob influência da companhia inglesa Royal Niger Company. Aqui as principais conquistas foram sobre Ilorin em 1897 e do sultanato de Sokoto em 1902



O Avanço europeu na África Ocidental

No norte do continente, os ingleses já controlavam o Egipto, e em 1898 reconquistaram o Sudão com o objectivo de travar o avanço francês.

Na África Oriental os ingleses declararam o Zanzibar protectorado em 1890 e aquela ilha passou a ser a rampa de lançamento das campanhas para o controlo do Uganda - protectorado desde 1894 e ocupado efectivamente em 1899 - e do Quénia no início do século XX.

Na África Central e Austral a conquista esteve a cargo da British South Africa Company (BSAC) fundada e encabeçada pelo magnata dos diamantes Cecil Rhodes que ocupou a Matabelelândia (Zimbabwe) em 1893 e Mashonalândia (Zâmbia) em 1901. A última guerra no sul envolveu ingleses contra boers, na África do Sul, entre 1899 e 1902.

Os alemães dominaram o Sudoeste Africano (Namíbia) no final do século XIX, o Togo em 1897-98, os Camarões em 1902 e o Tanganyica em 1888 - 1907.

Os portugueses iniciaram as campanhas de ocupação, por volta do ano de 1880 e terminaram cerca de 1920 com a dominação de Angola, Guiné Bissau e Moçambique.

A Bélgica logrou consolidar a ocupação do Estado Livre do Congo em 1892 - 95 enquanto a conquista de Katanga foi concluída no início do século XX.

Os italianos que ocuparam Eritreia (1883) e Somália (1886) foram derrotados pelos etíopes na sua tentativa de ocupar seu território. A norte

de África os italianos tomaram a Tripolitânia e Cirenaica (Líbia) em 1911, enquanto Marrocos resistiu até 1912 quando foi repartida entre a França e Espanha.

Portanto, nas vésperas da Primeira Guerra Mundial todo o continente africano, exceptuando a Libéria e Etiópia, achava sob domínio europeu.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

Tendo por finalidade a conquista e ocupação da África, os europeus optaram tanto pela assinatura de tratados como pela intervenção militar.

Os tratados tanto afro - europeus, como bilaterais, jogaram papel importante na conquista da África, mas nem sempre reflectiam a vontade dos chefes africanos.

Pelo ambiente que quase sempre rodeava a conclusão dos tratados, estes só por si não tinham força suficiente para levar a bom termo a ideia de conquista de África. A efectivação da ocupação do continente só podia ser assegurada pela via militar.

Seguindo tanto a via diplomática como à força militar as potências europeias lançaram-se na conquista de quase todo o continente. Em 1914, apenas Libéria e Etiópia mantinha a sua independência.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Em 1914 quase todo o continente africano estava sob domínio dos europeus. Pinte no mapa abaixo os impérios coloniais europeus e faça a respectiva legenda.

(falta o mapa para pintar e fazer a legenda).

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Observe atentamente o mapa

(falta o mapa para pintar e fazer a legenda).

- Pinte 5 territórios ocupados pela França e 5 ocupados pela Inglaterra na África Ocidental

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 7

O Mapa político de África após a conquista e ocupação

Introdução

Nesta lição você vai estudar a evolução ou mudança que se operou no mapa de África entre 1890 e 1914. Será uma oportunidade para perceber a amplitude das mudanças que se operaram em tão pouco tempo e assim entender a violência dentro da qual decorreu o processo de partilha do continente africano pelos países europeus, no período em referência. Por outro lado vai estudar as razões que contribuíram para que a conquista e ocupação tivessem acontecido em toda a extensão.

Bom estudo!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

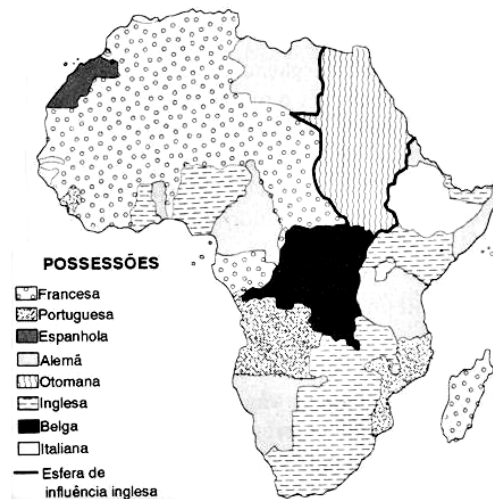
- *Caracterizar* o mapa político de África após a conquista.
- *Explicar* as razões do sucesso dos europeus na sua escalada de ocupação.

O Mapa Político de África após a Conquista e Ocupação

O Mapa Político da África após a Conquista e Ocupação

O período de 1880 a 1910, um intervalo de 30 anos, foi marcado por profundas transformações no mapa político de África.

Se em 1880, apenas 20% do território africano, correspondente às regiões costeiras, é que registava a presença de europeus; em 1914 o continente africano estava quase totalmente ocupado exceptuando apenas a Libéria e a Etiópia. Os vários estados, reinos e impérios africanos que existiam em 1879 deram lugar a cerca de 40 novos estados.



Mapa: África de 1914

A maneira como foram edificados os novos estados africanos suscita algumas divergências aos historiadores.

Para alguns historiadores, as fronteiras dos novos estados são arbitrárias, artificiais e aleatórias, na medida em que não tomam em conta a ordem política anterior à conquista e ocupação.

Outros consideram que as fronteiras resultantes da ocupação colonial são mais razoáveis.

Em qualquer dos posicionamentos existe uma certa dose de verdade, senão veja.

Cerca de 30% da extensão total das fronteiras dos países africanos são linhas rectas, que cortam as fronteiras etno-linguísticas dos povos neles residentes. Por outro lado os limites mantidos seguiam traçados nacionais pelo que não são tão arbitrários e inapropriados. Além disso a modificação de fronteiras como resultado de guerras internas, como o Mfecane, as djihads dos peul e outras, mostra como as fronteiras africanas anteriores à partilha eram bastante móveis.

Como se explica que os europeus tenham conseguido subjugar todo um continente que, até, é lhe muito maior em extensão e número de habitantes?

Poderíamos aqui neste espaço destacar alguns factores que concorreram para a tomada da África pelos europeus:

1. A ausência de uma acção concertada de luta contra a ocupação, levada a cabo pelos africanos, chegando alguns estados africanos a aliar-se aos europeus para lutar contra outros estados africanos;

2. A superioridade económica dos europeus assente na industrialização que se traduzia na capacidade destes constituir e suportar exércitos profissionais, enquanto os africanos dificilmente conseguiam ter exércitos permanentes, limitando-se a recrutar homens, muitas vezes, sem nenhuma experiência de guerra, sempre que houvesse ameaça de guerra.
3. A superioridade militar dos europeus numa altura em que os europeus usavam as últimas criações da indústria bélica (as modernas metralhadoras Gatling e Maxim e a artilharia pesada das forças navais, incluindo veículos motorizados e aviões), os africanos usavam as armas tradicionais e as obsoletas espingardas de pederneira e de carregar pela boca. Além disso a convenção de Bruxelas de 1890 proibia a venda de armas aos africanos.

Portanto, a superioridade económica, política, militar e tecnológica dos europeus em relação aos africanos tornaram a luta entre africanos e europeus, bastante desigual, o que explica o triunfo relativamente fácil dos europeus diante da resistência africana.

Outras questões que importa colocar em torno da partilha são:

- Como é que se explica que os estados europeus tenham decidido ocupar a África?
- Em que medida consideravam eles, essa acção legítima e defensável no quadro das relações entre as nações?

Durante o período da partilha, estas questões prendiam a atenção de vários historiadores, políticos e cientistas, em geral, que apresentaram diferentes ideias sobre o fenómeno. A diversidade de ideias sobre o assunto é tal que podemos falar em diferentes teorias sobre a partilha. Esta matéria será, pois, objecto de estudo da nossa próxima lição.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu Após mais de três séculos de coexistência pacífica entre africanos e europeus, num lapso de tempo de cerca de 30 anos a África foi quase toda tomada de assalto pelos europeus. Se em 1880 apenas cerca de 20% estavam sob domínio europeu, em 1914 apenas a Libéria e a Etiópia mantinham a sua autonomia. Todos os restantes países africanos tinham caído sob jugo europeu ou estavam em vias disso.

Muito bem, caro aluno, terminado o estudo de mais uma lição faça, agora, a sua auto avaliação, resolvendo as actividades que te são propostas a seguir.

Actividades



Actividades

1. Em 1880 apenas 20% do território africano é que registava a presença de europeus.
 - a) Indique três locais do continente africano, excluindo Moçambique, onde se registava presença europeia cerca de 1880.
 - b) Indique os locais onde se encontravam europeus em Moçambique por volta de 1880.
2. Entre 1890 e 1980, portanto em cerca de 30 anos os europeus conseguiram subjugar todo o continente africano.
 - a) Aponte os factores que tornaram possível a conquista europeia.

Guia de Correção

1. Cabo verde, Senegal, Golfo da Guiné e outros
2. Sofala, Ilha de Moçambique, Quelimane, Ibo e outros
3. Superioridade económica política, militar e tecnológica dos europeus em relação aos africanos; as divisões e rivalidades entre as formações políticas africanas.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo avaliação

**Avaliação**

1. Observe o mapa



2. Pinte os dois estados que conseguiram manter a sua independência após a conquista europeia
3. Analise a correlação de forças entre os europeus e os africanos nas vésperas da conquista.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 8

As Teorias Sobre a Partilha de África

Introdução

A partilha e ocupação de África são acontecimentos que merecem ser questionados, sobretudo pelas razões que seguem:

Porque será que os europeus decidiram ocupar África?

Porque é que só no final do século XIX decidiram ocupar o continente e não em qualquer outro momento?

A diversidade de opiniões remete-nos àquilo que se pode designar teorias sobre a partilha.

Quais são, então, as diferentes teorias sobre a partilha? É isto que você, caro aluno, vai estudar ao longo desta lição.

Bom estudo!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

- *Enunciar* as diferentes teorias sobre a partilha do continente africano.



Objectivos

Teorias Sobre a Partilha de África

As Teorias Sobre a Partilha

No âmbito das tentativas de explicar a questão da partilha sobressaem quatro teorias ou grupos de teorias, nomeadamente a teoria económica, as teorias psicológicas, as teorias diplomáticas e a teoria da dimensão africana.

Agora, você, vai ver cada uma das posições teóricas assumidas, para explicar a problemática da partilha.

Teoria Económica

Como o próprio termo já sugere, esta teoria sustentava que a partilha de África tinha motivações económicas, especialmente, ligadas ao desenvolvimento económico da Europa.

“A super- produção, o excedente de capital e o sub consumo dos países industrializados levaram-nos a colocar uma parte crescente de seus recursos económicos fora de sua esfera política actual e a aplicar activamente uma estratégia de Expansão política com vista a apossar-se de novos territórios”

Como se pode ver no extracto a conquista de África é aqui explicada por motivos económicos, nomeadamente o facto de a Europa ter atingido um tal nível de desenvolvimento que se tornava necessário expandir-se para fora dos seus limites territoriais.

As Teorias Psicológicas

São teorias que procuram explicar a partilha por razões de ordem psicológica. Neste grupo temos três teorias:

Darwinismo Social – Baseia-se na teoria de selecção natural de Charles Darwin segundo a qual “na luta pela vida, as espécies mais fortes dominam as mais fracas”. Partindo desta ideia, o Darwinismo social explica a partilha de África como a manifestação desse processo natural e inevitável.

Cristianismo Evangélico – Considera que a partilha deveu-se a um impulso missionário e humanitário com o objectivo de regenerar os povos africanos.

Atavismo Social – Sustenta-se no pressuposto psicológico de que o homem tem um desejo natural de dominar o próximo só pelo prazer de dominá-lo. Assim a partilha de África seria um egoísmo nacional colectivo que se manifesta na disposição, sem objectivos que o Estado manifesta de expandir-se ilimitadamente pela força.

As teorias psicológicas dão alguma explicação sobre por que a partilha foi possível e considerada. Porém, nenhuma delas consegue explicar porque essa partilha se deu num determinado momento histórico.

Por exemplo, por que é que o atavismo social ou o Darwinismo se manifestaram exactamente naquele momento e não no século XV ou no século XVII?

Teorias Diplomáticas

Este grupo de teorias dá uma explicação política da partilha e oferece suporte específico e concreto às teorias psicológicas, pois permitem ver os egoísmos nacionais dos Estados europeus.

As Principais Teorias Diplomáticas São:

Teoria do prestígio nacional - Sustenta que o imperialismo era um fenómeno nacionalista movido por um forte desejo de afirmação de prestígio nacional. Para os defensores desta teoria, após consolidar e redistribuir as cartas diplomáticas no seu continente, os europeus eram incitados por uma força obscura, atávica, que se exprimia por um desejo de manter ou de restaurar o prestígio nacional.

Teoria do Equilíbrio de forças - Defende que o desejo de paz e de estabilidade dos Estados europeus foi a causa principal da partilha da África. Segundo esta teoria desde que em 1878 os estadistas europeus pararam com os conflitos em solo europeu, os motivos de conflito passaram para África e Ásia.

Porém, quando os conflitos de interesses na África começaram a ameaçar a paz na Europa, as potências europeias decidiram partilhar a África. Era o que se impunha para salvaguardar o equilíbrio diplomático europeu estabilizado nos anos de 1880.

Estratégia global - Considera que a partilha da África foi determinada por uma estratégia global. Segundo esta teoria a influência dos movimentos proto nacionalistas na África que ameaçavam os interesses estratégicos globais das nações europeias é que esteve na origem da partilha.

Portanto, foram as lutas desses movimentos que forçaram os estados europeus, até então satisfeitos pelo controlo discreto do continente, a partilhar e conquistar a África contra a vontade. Portanto, a África teria sido partilhada porque ameaçava os interesses globais das nações europeias.

Teoria da Dimensão Africana

Todas as teorias expostas até aqui referem-se a África no contexto da história europeia. Impõe-se contudo, analisar a partilha da África também na perspectiva da História africana. Nesse contexto, surgiu a teoria da dimensão africana segundo a qual a partilha de África foi resultado do longo período de roedora do continente iniciada no século XV. Portanto a partilha mais não seria, senão o culminar do longo processo de delapidação do continente iniciada com a chegada dos primeiros europeus a África.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

Uma das questões que sempre indignou alguns círculos de opinião é o facto de um certo número de países ter se achado no direito de retalhar e ter efectivamente retalhado todo um continente. É uma questão que alguns têm tentado explicar, resultando desse exercício várias teorias. Entre as teorias que explicam a divisão e partilha dos países africanos pelos países europeus podemos mencionar a Teoria Económica, as Teorias Psicológicas, nomeadamente o Atavismo Social, o Cristianismo Evangélico e o Darwinismo Social, as Teorias Diplomáticas que são a teoria da Estratégia global, a Teoria do Equilíbrio de forças e a Teoria do prestígio nacional e, finalmente, a Teoria da Dimensão Africana.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

Faça corresponder as colunas A e B de modo a obter as ideias correctas de cada uma das teorias sobre a partilha.

Coluna A	Coluna B
1. Atavismo Social	A. Explica a partilha como resultado da super-produção, do excedente de capital e do sub consumo dos países industrializados da Europa.
2. Teoria da Dimensão Africana	B. segundo esta teoria o desejo de paz e de estabilidade dos Estados europeus foi a causa principal da partilha da África.
3. Teoria Económica	C. Baseia-se na teoria de selecção natural de Charles Darwin segundo a qual “na luta pela vida, as espécies mais fortes dominam as mais fracas”.
4. Teoria do Equilíbrio de forças	D. Segundo esta teoria a influência dos movimentos proto nacionalistas na África que ameaçavam os interesses estratégicos globais das nações europeias é que esteve na origem da partilha.
5. Cristianismo Evangélico	E. Defende que após consolidar e redistribuir as cartas diplomáticas no seu continente, os europeus eram incitados por uma força obscura, atávica que se exprimia por um desejo de manter ou de restaurar o prestígio nacional.
6. Teoria do prestígio nacional	F. Considera que a partilha de África é fruto de um egoísmo nacional colectivo que se manifesta na disposição, sem objectivos que o Estado manifesta de expandir-se ilimitadamente pela força
7. Darwinismo Social	G. Considera que a partilha deveu-se a um impulso missionário e humanitário com o objectivo de regenerar os povos africanos.
8. Estratégia global	H. Defende que a partilha foi o culminar do longo processo de delapidação do continente iniciada com a chegada dos primeiros europeus a África.

Agora compare as suas respostas com as da chave de correcção

Solução

1 – F 3 - A 5 - G 7 - C

2 - H 4 - B 6 - E 8 - D

Avaliação



Avaliação

1. Enuncie a teoria económica sobre a partilha de África
2. Qual é a diferença entre a teoria da Dimensão Africana e as demais teorias.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 9

A Resistência Africana

Introdução

Quando se fala de um processo de conquista e ocupação de África que se desenrolou quase que a velocidade relâmpago, fica uma sensação inicial de que os africanos pouco ou nada terão feito para impedir a ocupação. Esta ideia não corresponde à verdade.

Os africanos se bateram de diversas formas e com o máximo das suas forças para impedir a ocupação.

É pois, caro aluno, sobre a reacção dos africanos face a conquista que vamos falar nas próximas lições.

Nesta lição, em particular, você irá estudar alguns aspectos gerais da resistência africana.

Siga atentamente a lição!



Objectivos

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

- *Explicar* a atitude inicial dos africanos diante dos europeus.
- *Explicar* porque os africanos se revoltaram contra os europeus.

A Resistência Africana

Entre 1880 e 1900, a África tropical apresentava uma situação paradoxal, em que o processo de conquista e ocupação era ao mesmo tempo irreversível e altamente resistível.

Irreversível por causa da Revolução industrial que permitiu aos europeus uma vantagem decisiva em armas e facilidades nas comunicações no interior da África e entre África e Europa graças as ferrovias, a telegrafia e o navio a vapor.

Resistível por causa da força dos africanos e ao facto de os europeus não terem aplicado na batalha recursos humanos e tecnológicos abundantes.

A implementação da estratégia de penetração foi muito desordenada e inábil, pelo que os europeus enfrentaram inúmeros movimentos de resistência que eles próprios provocaram ou inventaram por ignorância e medo. Face a esta realidade os europeus tinham de “obter a vitória final”, mas depois era importante, procurar pôr em ordem o conturbado processo.

Para tentar justificar a partilha os europeus começaram a escrever livros sobre aquilo a que chamaram “pacificação”.

A literatura colonial sustentou durante longo tempo a ideia de que a África era uma espécie de vazio político, onde dominavam a anarquia, a selvajaria, a escravidão, a ignorância e a miséria. Os europeus eram assim tidos como cavaleiros da civilização e do progresso. Também procuravam dar a entender a ideia de ausência total do sentimento nacional entre os africanos, que teriam, salvo algumas excepções aceite passivamente a ocupação europeia.

Mas é irrefutável que a vitória dos europeus não foi reflexo da insignificância da resistência africana.

Desde o início da penetração europeia o nacionalismo africano manifestou-se de várias formas, umas desajeitadas, outras ambíguas, até à reconquista da independência

“Por toda a parte defenderam os africanos o seu solo e com frequência palmo a palmo.(...) É por milhares que temos de contar aqueles que se mataram pelas próprias mãos, de preferência a sobreviverem a perderem a liberdade (...)” In Ki Zerbo, História da África Negra, vol II (pp. 96)

Os estudos sobre a resistência africana das décadas 1880 a 1900, em geral apoiam-se ou servem para demonstrar três ideias-chave sobre a resistência africana:

- ✓ A resistência africana foi importante na medida em que provou que os africanos nunca se resignaram diante da invasão;
- ✓ Longe de ser desesperada e ilógica, foi, muitas vezes, movida por ideologias racionais e inovadoras;
- ✓ Os movimentos de resistência não eram insignificantes, pois tiveram consequências importantes em seu tempo e são ainda hoje.

Generalização da Resistência

Uma das ideias sobre a resistência africana é sustentada pelos historiadores euro centristas e sustentava que os povos africanos viam a chegada dos europeus como um feliz acaso que os permitiria libertar-se das guerras internas e tribais, das epidemias, fomes e outros males que assolavam o continente.

Segundo os teóricos desta corrente havia, entre os africanos, aqueles que eram pacíficos e, portanto, não ofereceram resistência e outros, uma minoria "sedenta de sangue", que protagonizaram reacções primitivas e

irracionais. Portanto, para esta corrente historiográfica, os africanos nunca protagonizaram uma acção de resistência como um "fenómeno organizado".

É despropositado tentar, no contexto da resistência africana, distinguir as sociedades africanas em belicosas e pacíficas, pois quase todos os estados africanos se esforçaram por alcançar uma plataforma de colaboração com os europeus, mas também todos eles tinham valores e interesses a defender, mesmo com recurso às armas, se fosse necessário.

A atitude inicial dos africanos face à chegada dos europeus no Século XIX foi muito variada, mas em geral prevaleceu a surpresa receosa ou divertida e sobretudo a hospitalidade. Raramente foi de hostilidade. Só quando a escravatura atingiu as pequenas tribos.

Ignorando a existência de Homens brancos (europeus), algumas comunidades africanas viam os brancos como Homens negros e que se tornaram brancos por serem leprosos ou como castigo de Deus por serem infiéis. Outras julgavam que os brancos tinham poderes sobrenaturais, enquanto outros povos, ainda, achavam que os brancos eram selvagens e olhavam-nos com espanto e acompanhavam cada movimento seu. Os reis não aceitavam avistar-se com eles.

Porém os primeiros viajantes (Livingstone, Caillé, Binger, Mungo Park, etc.) são unânimes quanto à hospitalidade dos africanos. Aliás é essa atitude que explica o sucesso de várias expedições de exploradores europeus que por África passaram nos primeiros ¾ do século XIX.

Contudo no fim do século XIX os africanos aperceberam-se da existência de uma nova vaga de estrangeiros cujos objectivos eram diferentes dos primeiros. Foi nessa altura que a resistência africana começou a se manifestar, movida pela consciência de um perigo de morte das colectividades africanas.

Primeiro foram os chefes e as classes privilegiadas que reagiram perante a ameaça da sua liberdade e autonomia devido a chegada dos europeus. Depois, com a implantação do sistema colonial, a resistência generalizou-se tomando diferentes formas, desde a fuga até a sublevação armada.

Como você vê, todas as sociedades africanas, desde as comunidades nómadas até as várias sociedades centralizadas resistiram à ocupação europeia. Como é óbvio, o nível de organização em cada uma das sociedades reflectiu-se na intensidade que a resistência atingiu em cada sociedade.

Um ponto assente, porém é que os africanos não assistiram indiferentes, ou com agrado à ocupação de suas terras e nem tão pouco reagiram com actos primitivos e irracionais diante da ocupação. Pelo contrário, um pouco por toda África, independentemente do nível de organização de cada sociedade, os africanos procuraram, das mais diversas formas de lutar contra a ocupação de suas terras.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

A atitude inicial dos africanos face à chegada dos europeus no Século XIX foi, em geral, de surpresa receosa ou divertida e sobretudo a hospitalidade. Raramente foi de hostilidade.

A resistência africana começou a se manifestar no fim do século XIX, quando os africanos aperceberam-se da existência de uma nova vaga de estrangeiros cujos objectivos eram diferentes dos primeiros, e foi movida pela consciência de um perigo de morte das colectividades africanas.

Terminou o seu estudo! Resolva as actividades que lhe propomos para sua auto-avaliação.

(Falta a palavra actividades)0



Actividades

1. Assinale com **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas sobre a resistência africana.
 - a) A literatura colonial procurou sempre minimizar a Resistência africana ao tentar dar a entender que os africanos nunca tiveram um sentimento nacional e, salvo algumas excepções aceitaram passivamente a ocupação.
 - b) A resistência africana começou a manifestar-se logo no início do Século XIX quando os europeus iniciaram as viagens exploratórias.
 - c) Os primeiros viajantes europeus como Livingstone, Caillé, Mungo Park, etc., testemunharam a hospitalidade dos africanos.
 - d) A resistência africana começou a tornar-se fenómeno generalizado no fim do século XIX, quando os africanos se aperceberam das pretensões conquistadoras dos europeus.
 - e) A resistência africana foi assunto dos chefes, os únicos que se batiam com os europeus em defesa do seu povo.
 - f) A _resistência africana desenrolou-se sob diferentes formas, que incluíam a fuga, as greves, manifestações, a sublevação armada, etc.

Muito bem agora compare as suas respostas com a chave de correcção.

a) V b) F c) V d) F e) F f) V

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Avaliação



Avaliação

1. Caracterize a atitude inicial dos africanos diante da presença dos europeus
2. Aponte as razões que levaram ao início das acções de resistência em África

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 10

A Ideologia da Resistência

Introdução

Que os africanos resistiram à ocupação dos seus territórios é um facto irrecusável. Porém algumas divergências surgem, quando se procura fazer uma leitura desse processo. Alguns minimizam a resistência considerando-a um acto nada sistemático e sem qualquer organização. Outros colocam-na num lugar de destaque, colocando-a entre os acontecimentos mais relevantes do limiar dos séculos XIX/ XX.

Você, vai, então, ao longo desta lição analisar a ideologia da resistência em África. Irá, também, ver o impacto e a periodização da resistência africana.

Força!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

- *Analisar a ideologia da resistência africana.*
- *Explicar o papel das ideologias religiosas na resistência africana*
- *Explicar o impacto da resistência africana.*
- *Fazer a periodização da resistência africana.*

A ideologia da Resistência

A resistência africana foi desde o seu início objecto de interpretações diversas por parte dos estudiosos. Nesse contexto surgiram diferentes posicionamentos, que se identificavam ou com os defensores do colonialismo ou as correntes anticoloniais ou, até, que historiadores que se pretendiam isentos.

Para os defensores do colonialismo a resistência armada teve um carácter irracional e desesperado. Foi resultado da superstição. As populações estavam satisfeitas com a dominação colonial e só participaram nas Reacções de resistência por que foram trabalhadas por feiticeiros curandeiros.

Por seu turno as correntes anti-coloniais europeias, que defendem a resistência africana, consideravam que os africanos não tinham muita coisa no seu modo de pensar "tradicional" que pudesse ajudá-los a reagir efectiva ou concretamente às agressões ao seu modo de vida. As ideologias de revolta foram consideradas "magias do desespero", votadas ao malogro, sem perspectivas de futuro. Assim vistos, os movimentos de resistência, estavam condenados ao fracasso.

Mais recentemente, os historiadores da resistência tentaram combater essas ideias, tanto atribuindo à revolta ideologias estritamente profanas, como saneando as ideologias religiosas.

A resistência, em África, foi um fenómeno generalizado e organizado

A principal ideologia profana da resistência africana é o princípio da soberania. No essencial, este princípio considera que a resistência africana surgiu em resultado da alienação da soberania africana. Como diz Jacob Ajayi *"os dirigentes africanos enquanto guardiães da soberania do povo, eram hostis a todos os poderes que desafiassem tal soberania"*

Alguns dos principais líderes africanos, como Machel do reino Yao, Hanga de Bárue, Hendrik Wittboi e Maherero do Sudoeste africano entre outros, mostraram, em declarações proferidas diante da ameaça europeia, a sua determinação para defender a soberania dos seus povos.

Portanto, não restam dúvidas que a necessidade de manutenção da soberania é que ditou o desencadeamento da resistência africana.

Face a esta situação, podem ser feitos alguns reparos.

Primeiro, é preciso notar que nem sempre os dirigentes africanos foram reais guardiães da soberania do povo. Por exemplo, no século XIX, surgiram novos estados cujos reis tinham imposto o seu poder com base na tecnologia militar europeia. Nesses estados o esforço de resistir à ocupação era prejudicado pela insubordinação de alguns súbditos que não viam legitimidade no poder assim estabelecido.

Por outro lado, mesmo nos estados estabelecidos há mais tempo e cujos dirigentes tinham conquistado legitimidade não se pode imaginar que em todos eles os reis gozassem de total apoio popular. De facto em alguns desses estados os reis aumentaram bastante seu poder, tornando-se autênticos tiranos, graças ao comércio que no século XIX permitia-lhes obter riquezas e armas. Quando isto acontecia os reis perdiam o apoio popular na resistência contra os europeus e, pelo contrário, enfrentavam a chamada "resistência popular contra a classe dirigente" o que, por vezes, levava ao fracasso da resistência à ocupação europeia.

Ainda em torno da ideologia da resistência, importa destacar o papel da religião, no contexto da resistência africana. Veja, pois, a seguir como é que as ideologias religiosas influenciaram a resistência africana.

O Papel das Ideias Religiosas

Estudos mais recentes sobre o papel das ideias religiosas na resistência africana revelam que, ao contrário das teorias sobre os fanáticos feiticeiros - curandeiros ou da magia do desespero, as doutrinas e símbolos religiosos apoiavam-se, normalmente, nas questões da soberania e da legitimidade.

Em regra o poder dos chefes africanos era legitimado por rituais e, como tal, todas as acções dos chefes, incluindo a mobilização do povo para a resistência, eram suportados por símbolos e conceitos religiosos.

A forte ligação entre o poder e a religião levava a que, muitas vezes, a derrota militar conduzisse a uma profunda crise de legitimidade pois as derrotas militares tiveram, não só repercussões políticas, mas, também religiosas, já que levavam à destruição dos objectos rituais, à fuga dos adivinhos, ou a destituição ou morte dos oficiantes dos cultos.

Alguns dos maiores movimentos de resistência em África surgiram na sequência das crises de legitimidade resultante de derrotas militares e tinham como finalidade redefinir tal soberania. Quase sempre esses movimentos eram estimulados por chefes religiosos que traziam para o movimento uma mensagem de unidade mais ampla, em torno de um ideal religioso.

Esta realidade verificava-se tanto com o Islão, como com o Cristianismo e com as religiões africanas. A revolta de 1896 na Mashonalandia (actual Zimbabwe), a revolta de Bárue de 1917, a revolta Maji Maji de 1905 no Tanganyica, ou a revolta Xhosa liderada por Makana, entre outras inspiraram-se em ideologias religiosas.

Mas qual foi, afinal, o impacto das ideologias religiosas na resistência africana?

Existem diversas interpretações sobre o papel das ideologias religiosas na resistência africana.

Na verdade alguns estudiosos consideram que o papel das ideias religiosas na resistência foi sobrevalorizado, enquanto para outros é o papel da resistência na religião que foi sobrevalorizado.

Na verdade, as ideias religiosas constituíram um suporte de grande valor para os movimentos de resistência, tanto ao permitir aglutinar a população em torno de um ideal religioso, conseguindo assim a união que não seria possível a volta de qualquer outro elemento, como ao animar o próprio movimento pela convicção da protecção dos deuses.

Não obstante, as ideias religiosas, tiveram, a dado passo, um efeito pernicioso para a resistência ao alimentar nos guerreiros a ideia de sua invulnerabilidade aos ataques inimigos em razão da protecção dos "seus". De facto esta convicção acabou conduzindo as revoltas ao malogro, pois não lhes permitia avaliar convenientemente a correlação de forças entre si e o inimigo que iam enfrentar.

Consequências e Relevância da Resistência Africana

É um facto que a resistência africana vista sob o ponto de vista daquilo que era o seu principal objectivo - a preservação da sua soberania face a ameaça europeia - foi um fracasso.

E, por que se considera que foi um fracasso? Tem alguma ideia, caro estudante, sobre isso?

Esta avaliação baseia-se no facto de se reparar que volvidos 30 anos após o início das campanhas de ocupação, quase todo o continente africano caiu sob domínio dos europeus.

Esta observação não esgota, porém, o impacto da resistência africana. Sem que tenha sido seu propósito, a resistência produziu resultados de muito maior alcance na história da África.

No que se refere à soberania é preciso dar mérito aos movimentos de resistência para o sucesso do nacionalismo e na reconquista da referida soberania.

Tendo sido depositárias de ideias religiosas, os movimentos de resistência contribuíram para o surgimento de agrupamentos em torno de ideias, sejam elas quais forem, opondo-se ao agrupamento de base tribal, característico dos movimentos primários.

A seguir veja a periodização da resistência africana.

Breve Periodização da Resistência

Ao longo dos cerca de 30 anos que durou a resistência africana podem se identificar duas fases:

- 1880 a 1900
- 1900 a 1914

Na primeira etapa a conquista de África pelos europeus baseou-se ora na diplomacia ora na invasão militar ou então nas duas formas. Esta época foi marcada por uma intensa corrida aos tratados seguidos, na maior parte dos casos, de invasões, conquistas e ocupações por exércitos europeus.

"A derrota militar de 1897 (...) não provocou a renúncia ao mundo tradicional, ao contrário do que ingenuamente previam os brancos (...) De facto, a religião tradicional continuou a inspirar o comportamento construtivo e criador que tiveram frente ao cristianismo e à cultura ocidental como um todo. Lembrava a população que ainda havia lugar para aceitar ou rejeitar certos aspectos da nova ordem"

aliança e a submissão temporária.

Na segunda fase (1900 – 1914), ocorre numa altura em que a maioria dos exércitos africanos tinham sido vencidos e seus chefes fugido, mortos ou

exilados, na sequência das acções iniciais de conquista europeia da África.

A resistência passou a ter como objectivo a reconquista da independência, eliminação das práticas opressivas do colonialismo ou acomodação no sistema.

As formas de luta nesta fase passaram a incluir a revolta, as greves, os abaixo assinados, a sabotagem, a não colaboração, etc.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu a resistência africana.

Viu que ela tem suscitado as mais diversas ideias quanto a sua origem, relevância e alcance.

Enquanto os teóricos do colonialismo pretendem apresentar a resistência africana como um fenómeno pouco relevante e nada sistemático, que apenas era uma manifestação de uns poucos agitadores, os africanistas assumem uma posição totalmente oposta apresentando este fenómeno como generalizado e motivado por interesses claros.

A resistência africana vista sob ponto de vista do que eram os seus principais objectivos, foi um total fracasso pois, volvidos 30 anos após o início das campanhas de ocupação, quase todo o continente caiu sob domínio dos europeus.

Não obstante a resistência foi particularmente importante na medida em que, tendo sido depositárias de ideias religiosas, os movimentos de resistência contribuíram para o surgimento de agrupamentos em torno de ideias, sejam elas quais forem, opondo-se ao agrupamento de base tribal, característico dos movimentos primários.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Analise comparativamente as ideias das correntes pró-coloniais e anticoloniais europeias, sobre a resistência africana.
2. Explique em que medida a religião confere à resistência os pressupostos de soberania e legitimidade.

Guia de Correção

1. Embora tenham como ponto de partida pressupostos diferentes, nomeadamente a defesa e a contestação ao colonialismo, as duas correntes acabam minimizando o peso da resistência africana. Enquanto para os defensores do colonialismo as populações estavam satisfeitas com a dominação colonial e só participaram nas acções de resistência por que foram trabalhadas por feiticeiros curandeiros as correntes anti-coloniais europeias, que defendem a resistência africana, consideravam que os africanos não tinham muita coisa no seu modo de pensar "tradicional" que pudesse ajudá-los a reagir efectiva ou concretamente às agressões ao seu modo de vida. Por isso os movimentos de resistência, estavam condenados ao fracasso.
2. A religião confere à resistência os pressupostos de soberania e legitimidade na medida em que as doutrinas e símbolos religiosos apoiavam-se, normalmente, nas questões da soberania e da legitimidade. Em regra o poder dos chefes africanos era legitimado por rituais e, como tal, todas as acções dos chefes, incluindo a mobilização do povo para a resistência, eram suportados por símbolos e conceitos religiosos.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Refira-se em traços gerais a Ideologia profana.
2. Analise o impacto da resistência africana.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 11

A Resistência na África do Norte

Introdução

Para ter uma ideia geral do que foi a resistência em África vai estudar alguns exemplos do percurso deste processo. Uma das regiões que servirá de exemplo é o norte de África que inclui Marrocos, Tunísia e Líbia. Nesta lição vai então, caro aluno, estudar apenas Marrocos e Tunísia.



Objectivos

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

- *Situar* no tempo a resistência na Tunísia e Marrocos.
- *Identificar* as principais figuras da resistência.
- *Descrever* os principais momentos da resistência.

A Resistência na África do Norte

A África do Norte nas Vésperas da Partilha

No extremo norte da África encontram-se os actuais territórios da Líbia (a oriente fazendo limite com o Egipto), a Tunísia (encrostada entre a Argélia e Líbia), a Argélia e, mais a ocidente, Marrocos. São, juntamente com o Egipto (a nordeste da África), os designados países do Magreb ou ainda África branca.

organizaram então uma segunda expedição, que encontrou uma forte resistência especialmente nas regiões montanhosas do noroeste, centro e sul do país.

A Itália mantinha as suas pretensões sobre o país, mas os tunisinos permaneceram fiéis à soberania otomana, islâmica, recusando a aproximação aos italianos para enfrentar os franceses.

Neste período não tinham ainda sido estabelecidas as áreas de influência de cada potência europeia na região. Cada país com interesses na região limitava-se a apresentar suas intenções aos demais países e sempre que possível apropriar-se de alguns territórios.

Neste contexto, Marrocos acabou ficando sob domínio de duas potências europeias – Espanha e França. Em 1893 a Espanha impôs uma derrota aos marroquinos consolidando as suas possessões próximo de Melilla. Por sua vez em 1899 a França consolidou o seu domínio sobre Tuat.

A Conquista e Resistência em Marrocos

A conquista e resistência em Marrocos teve início num momento em que se desenrolava uma revolução que levou a queda do Sultão Abdal Aziz. Apesar dessas distensões internas, diante da invasão emergiu um movimento nacionalista que assumiu um cariz religioso ao se transformar numa guerra entre muçulmanos e cristãos, constituindo uma espécie de prosseguimento das cruzadas.

Cruzadas - movimentos militares, de carácter parcialmente cristão, que partiram da Europa Ocidental com objectivo de colocar a Terra Santa (Palestina) e a cidade de Jerusalém sob a soberania dos cristãos. Estes movimentos estenderam-se entre os séculos XI e XIII, época em que a Palestina estava sob controle dos turcos muçulmanos.

Os conflitos entre espanhóis e marroquinos remontam desde a época da primeira Expansão europeia, quando os espanhóis se apoderaram de Ceuta e Melilla. Desde essa altura o governo marroquino, tentando travar o avanço espanhol, começou a impedir o contacto entre os espanhóis instalados naquelas regiões, e as populações marroquinas.

O bloqueio esteve na origem da guerra entre Espanha e Marrocos em 1859 e 1860. As consequências desta guerra foram particularmente graves para Marrocos. Além de uma pesada indemnização teve que aceitar o alargamento territorial de Melilla e ceder um porto na costa atlântica.

De 1880 a 1881 Marrocos tentou, na Conferência de Madrid, colocar em discussão a independência de seu território, mas a coligação França, Itália e Espanha opôs-se e, nem o apoio britânico foi suficiente para que Marrocos lograsse seus intentos.

A conquista desta região de Oásis iniciou em 1899, quando uma expedição francesa aproximou-se dos oásis e exigiu a rendição do chefe In Salah. Levantou-se de imediato uma forte resistência, mas a 27 de Dezembro de 1899 toda a região do oásis foi conquistada. A resistência, embora enfraquecida, prosseguiu por mais de um ano tendo o último combate acontecido em Março de 1901. O Sultão Abd al - Aziz apelou a Inglaterra e Alemanha, mas estes aconselharam-no a aceitar o domínio francês pelo que assinou o protocolo de 20 de Abril de 1902.

A perda de Tuat foi uma das principais razões da corrosão paulatina do poder do sultão até a sua queda em 1911.

A partir de 1905 a França lançou-se na conquista nas chamadas *bilad al-siba* (regiões desérticas, pobres e sub povoadas administradas por chefes locais mas sob soberania do sultão).

A França continuou, então, a apropriar-se lentamente dos territórios marroquinos. Assim ocupou os territórios entre os rios Gir e Zusfana e a sul tomou Trarza e Brakma.

Para materializar os seus intentos a França enviou, em 1905, para Marrocos Xavier Coppolani considerado especialista sobre assuntos muçulmanos e que defendia a teoria de “penetração pacífica”.

Alertado sobre os acontecimentos, o sultão Mulay Abdal-Aziz enviou Mulay Idris para dinamizar a resistência. Coppolani seria morto em Abril do mesmo ano durante o ataque ao seu acampamento em Tidjikdja.

Após a retirada de Mulay Idris, em Janeiro de 1907, os franceses lançaram uma expedição militar que, após derrota em al-Muynam, em Junho de 1908, apoderou-se de Atar em Janeiro de 1909. Na sequência da derrota, o xeque al Aynayn retirou-se com os seus apoiantes para al-Hamra de onde continuou a luta até 1933.

Na mesma época a Espanha, que não pretendia assistir passivamente ao avanço francês, decidiu avançar. Em 1906 partiram da sua colónia de Rio de Ouro em direcção ao interior e em 1909 iniciaram a conquista de Rif, a norte, que só terminou em 1926 após vencer a forte resistência popular conduzida sob o signo da *djihad*.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

Nas vésperas da conquista europeia, a Tunísia, ora sob influência Otomana, estava simultaneamente sob ameaça dos italianos e dos franceses.

Na década de 1880 não tinham ainda sido estabelecidas as áreas de influência de cada potência europeia na África do norte. Cada país com interesses na região limitava-se a apresentar suas intenções aos demais países e sempre que possível apropriar-se de alguns territórios.

A conquista e resistência no norte da África desenrolou-se em diferentes etapas entre cerca de 1880 e 1933.

França, Espanha e Itália foram as potências que se bateram entre si ou contra os africanos pela ocupação do norte da África.

A resistência conduzida, em geral, sob o signo de djihad, foi protagonizada entre outros chefes por In Salah, Mulay Abd al-Aziz, Mulay Idris e o Xeque al-Aynayn.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre a resistência na Tunísia.
 - a) Na Tunísia a resistência foi dirigida contra a Turquia, Itália e França.
 - b) A tentativa do Bei de buscar alternadamente a aliança dos diferentes grupos europeus para preservar o seu poder permitiu manter o poder por longo tempo.
 - c) A tentativa do Bei de buscar alternadamente a aliança dos diferentes grupos europeus para preservar o seu poder revelou-se fatal, pois levou o Bei a ficar isolado.
 - d) A soberania tunisina chegou praticamente ao fim com a declaração protectorado francês sobre o território, a 12 de Maio de 1881.
 - e) A soberania turca chegou praticamente ao fim com a declaração protectorado francês sobre o território, a 12 de Maio de 1881.
2. No período da conquista europeia, Marrocos enfrentou em simultâneo duas potências europeias.
 - Identifique-as

Guia de Correção

1.
 - a) F b) F c) V d) V e) F
2. Marrocos enfrentou simultaneamente a França e Espanha.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. O período de 1899 a 1902 foi crucial na resistência marroquina contra os franceses. Justifique a afirmação.
2. Mencione as principais fases da resistência marroquina.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 12

A Resistência na Líbia

Introdução

Para terminar a descrição da resistência na África do norte vai estudar nesta lição os acontecimentos na Líbia.

Ao estudar a resistência na Líbia, você vai ver que, à semelhança do que aconteceu na Tunísia e Marrocos, também na Líbia existia uma forte influência da Turquia, resultante dos laços tradicionais entre o império Otomano e a região do Magreb.

Preste atenção!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

- *Situar* no tempo a resistência na Líbia.
- *Identificar* as principais figuras da resistência.
- *Descrever* os principais momentos de resistência.

A Resistência na Líbia

O quadro Político-Geográfico

Nas vésperas da conquista a Líbia compreendia duas principais regiões:

- **Tripolitânia** – na parte ocidental do território, até ao limite com Tunísia e Marrocos
- **A Cirenaica** – a oriente fazendo limite com o Egipto



A Tripolitânia, sob domínio do Império Otomano, foi invadida pela Itália a partir de 1911. Nesta altura dois factores jogavam a favor dos intentos italianos:

- Enfraquecimento do Império Otomano resultante da revolução dos jovens turcos e;
- A neutralidade da Inglaterra e da França diante do avanço italiano.

Neste contexto, a 28 de Setembro a Itália lançou um ultimato contra a Constantinopla e, apesar da Turquia ter feito uma resposta conciliadora, a Itália desembarcou tropas nas principais cidades líbias – Tripoli, Benghazi, Homs e Tobruk – ocupando-as de seguida. Entretanto à saída das cidades, os italianos, foram confrontados com a resistência dos locais.

Quando pretendiam sair de Tripoli foram batidos pelos líbios em al-Hani. Nas imediações de Benghazi enfrentaram os líbios em Djuliana, al-Kuwayfiya e al-Hawari, tendo sido forçados a retornar para o centro da cidade. Entre 23 de Outubro de 1911 e 2 de Maio de 1912 os italianos bateram-se com turco árabe em al-Khums, com vitória para os italianos.

A resistência em Derna foi protagonizada pelos turcos, cuja guarnição no local foi reforçada por oficiais turcos comandados por Anwar Paxa e Mustafa Kamal (Kamal Atatürk) e apoiados por Ahmad al-Sharif, chefe espiritual dos Sanusiyya, em especial na mobilização dos árabes do interior para a guerra.

Tendo formado um exército numeroso e forte Anwar travou várias batalhas com os italianos entre Outubro de 1911 e Julho de 1912.

As cidades de al-Karkaf, Sidi Abdalah, al-Nadura e al-Mudawwar foram alguns dos principais palcos dos acontecimentos nesta fase.

O facto de os italianos não terem conseguido avançar para além das cidades ocupadas mostra bem a consistência da própria resistência neste período.

Perante a dificuldade cada vez maior de ocupar a Líbia, os italianos tentaram forçar a retirada turca da região, atacando a própria Turquia. As investidas italianas, especialmente dirigidas contra os estreitos de Dodecaneso e Dardanelos, constituíram, porém uma ameaça a paz mundial e despertaram a “questão do Oriente”.

Perante este cenário as potências europeias começam a pressionar Itália e Turquia no sentido de encontrarem uma solução pacífica, salvaguardando a paz mundial.

Respondendo aos apelos internacionais, Itália e Turquia assinam o tratado de Lausanne, pelo qual a Turquia concedia independência a Líbia e a Itália desocupava as águas territoriais turcas.

Logo que a Turquia saiu da Líbia, os italianos lançaram-se na conquista deste território. O primeiro confronto entre italianos e líbios após a retirada turca deu-se em 1913, quando os italianos atacaram as tropas de Ahmad al-Sharif tendo sido derrotados em Yawn al-Djuma. Após a vitória Sharif proclamou a criação do Governo Sanusi (Al-Hukuma al-Sanusiyya).

Na Tripolitânia os italianos tiveram mais sucesso. No início de 1995 atacaram os líbios nas montanhas orientais tendo-os derrotado em Djanduba em Março. Em seguida bateram os líbios em três outras batalhas.

Portanto, até a Primeira Guerra Mundial a resistência no Magreb foi conduzida por um estado organizado que, através de exércitos regulares tentou fazer frente aos invasores. Entretanto sempre que o estado se mostrava incapaz entrava em cena o chefe da confraria. Os anos da Primeira Guerra foram de interregno no que se refere as acções de conquista. Tudo quanto pretendiam os europeus, neste momento em que a preocupação maior era a Guerra Mundial, era manter as conquistas. Contando, com o apoio dos alemães e turcos, os povos da Líbia forçaram os ocupantes a adoptar uma atitude bastante liberal, evitando molestar os africanos.

A partir de 1921, uma vez terminada a Primeira guerra Mundial, e os países europeus refeitos da mesma, as acções de conquista reiniciaram.

Na Tripolitânia a reconquista foi lançada pelo novo cônsul da região – Volpi. As mudanças de Volpi, iniciaram com o fim da política liberal e a rejeição de todos os tratados assinados durante e depois da Primeira guerra Mundial.

Em Novembro de 1922 o general italiano invadiu a capital – Gharyan – enquanto outro exército ocupava Misurata em Fevereiro de 1923.

Neste período muitos factores favoreciam os invasores:

- Comité Central da República Unida estava enfraquecido pelos conflitos internos e pela guerra civil entre Misurata e Warfallah e pelo conflito entre os árabes e os berberes das montanhas;
- Em Dezembro de 1922 o chefe espiritual da União – Amir Idris al-Sanusi abandonou o território para se fixar no Egipto. Facto que desmoralizou as populações e fez com que muitos soldados se entregassem ou abandonassem o país.

Com a partida de Amir Idris a resistência ficou sob os auspícios de al-Rida, novo chefe espiritual em substituição do irmão e Umar ak-Mukhtar como comandante.

Para enfrentar os italianos, Mukhtar dividiu o seu exército em três colunas e foi se instalar numa região montanhosa, na região de Jardas, tendo rechaçado todas as investidas italianas em 1923.

Em 1924 a Tripolitânia entrou finalmente em decadência. Os italianos apropriaram-se de todas as terras aráveis, mas tinham ainda algumas dificuldades de controlar o deserto. No final de 1929 e princípios de 1930 o deserto caía sob domínio dos italianos que assim puderam chegar a Fezzan. Era o fim da Tripolitânia.

Na Cirenaica a resistência continuava firme. Aqui os italianos tiveram que recorrer a métodos pouco convencionais. Primeiro colocaram um arame ao longo dos cerca de 300 Km de fronteira entre a Líbia e o Egipto, para impedir o apoio egípcio. Em seguida ocuparam os oásis, antes de evacuar todas as populações rurais para o deserto de Sirt, onde ficaram concentradas em campos.

Apesar do rigor dos italianos a resistência manteve-se firme o que obrigou os italianos a solicitar negociações. Entretanto ao longo do processo negocial Mukhtar entendeu que os italianos pretendiam dividir seus apoiantes para melhor dominá-los, por isso rompeu as negociações e retomou a guerrilha. Durante dois anos Mukhtar impôs-se aos italianos, mas em 1931 foi preso e executado após julgamento militar.

Após a morte de Mukhtar a resistência prosseguiu por mais seis meses sob a liderança de Yusuf Abu Rahil.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

Nas vésperas da partilha europeia da África, a Líbia estava sob domínio do império Otomano, pelo que a penetração italiana enfrentou uma resistência tanto dos líbios como dos turcos.

Perante a dificuldade de superar a resistência a Itália decidiu atacar a Turquia para forçá-la a retirar-se da Líbia.

Apesar da retirada Turca os italianos ainda enfrentaram enormes dificuldades de tal modo que só em 1930 a Tripolitânia foi subjugada, enquanto a Cirenaica apenas foi efectivamente tomada em 1931.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Quais são os factores que favoreceram a acção de conquista italiana na Tripolitânia?
2. Explique o contexto em que foi assinado o tratado de Lausane.
3. Qual foi o impacto do tratado de Lausane na conquista italiana da Líbia?

Guia de Correção

1. Dois factores eram favoráveis aos italianos no início da conquista, nomeadamente:
 - a) Enfraquecimento do Império Otomano resultante da evolução dos jovens turcos e;
 - b) A neutralidade da Inglaterra e da França diante do avanço italiano.
2. O tratado de Lausane foi assinado em resposta ao conflito Itália/Turquia resultante das investidas italianas, contra a Turquia que pretendia, assim forçar a retirada turca da Líbia. Este conflito constituía uma ameaça a paz mundial e, perante este cenário as potências europeias pressionaram Itália e Turquia para encontrarem uma solução pacífica, salvaguardar a paz mundial.

3. Com a saída da Turquia da Líbia, os italianos lançaram campanhas conquista deste território. Embora com algumas dificuldades os italianos lograram sucesso.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Faça uma breve periodização da resistência e conquista na Líbia.
2. Explique os factores que enfraqueceram a resistência entre 1922 e 1923.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 13

A Resistência na África Oriental

Introdução

Continuando o estudo de alguns exemplos de resistência em África, vai agora estudar o caso da África Oriental.

Sobre o decurso da resistência na região da África Oriental irá, tomar particular como base os exemplos do Quénia, no Tanganyika e no Uganda. Siga a lição para ver quais foram os principais momentos da resistência nesta região.

Bom estudo!



Objectivos

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

- *Situar* no tempo a resistência na África Oriental.
- *Identificar* as principais figuras da resistência.
- *Descrever* os principais momentos da resistência.

A Resistência na África Oriental

A África Oriental nas Vésperas da Partilha

Nas vésperas da partilha do continente africano, as sociedades da África Oriental apresentavam níveis de organização bastante díspares. Algumas sociedades como os Baganda e Banyoro, no Uganda, Banyambo no Tanganhica e Wanga no Quénia eram centralizadas. Outras como os Nyamwezi, do Tanganhica e os Nandi no Quénia estavam em processo de organização como estados centralizados. Outras, ainda, viviam em regime nómada sem uma organização social estável.

As diferenças entre as sociedades da África Oriental também se manifestavam a nível do contacto com os árabes e europeus.

Os povos do litoral tinham um contacto mais profundo com os europeus e árabes do que os do interior, como por exemplo os akamba do Quénia e os Nyamwezi do Tanganyika que se ocupavam do comércio de caravanas

– O comércio a longa distância. Os baganda e os wanga também estavam envolvidos no comércio, de marfim e escravos, com os árabes.

A seguir vai ver como aconteceu o processo de ocupação do Quênia.

A Resistência e Conquista no Quênia

Os Nandi foram os que ofereceram a resistência mais viva e mais prolongada (1890 – 1905) do país. A força militar dos Nandi explica-se pela grande coesão social e pela confiança dos guerreiros em si próprios e no seu chefe. Graças a sua enorme força combativa os Nandi conseguiram resistir à ocupação estrangeira por mais de sete anos.

No centro do país a reacção não teve a mesma dimensão devido as divisões entre os diferentes grupos, chefes ou clãs e as alianças de uns com os ingleses contra outros chefes africanos. Por exemplo o chefe dos Gikuyu - Waiyaki – decidiu aliar aos ingleses tendo chegado a fazer um tratado de fraternidade de sangue com Frederick Lugard, agente da Ibeac. Procedimento idêntico teve Lemana de um dos grupos Masai que, em compensação, foi nomeado chefe supremo dos Masai.

No litoral a resistência foi protagonizada pela família Mazrui encabeçada por Mbaruk Bin Rashid. A resistência dos Mazrui deveu-se à crescente influência britânica nos assuntos internos das sociedades do litoral

A revolta de Mbaruk teve lugar em 1895 quando, após a morte do váli (rei) de Takarungu os ingleses da Ibeac indicaram, para substituto, um aliado seu em vez de Mbaruk que era o legítimo herdeiro do trono. Entretanto Mbaruk foi derrotado pelos ingleses.

Mais para o interior, os akamba revoltaram-se contra a pilhagem inglesa e consequente apropriação de cabras, bovinos e até imagens religiosas consideradas sagradas. A reacção foi encabeçada por Nziba Mwea que, em 1890, decidiu recusar-se a fornecer alimentos aos ingleses. No norte, nos confins do país Kisimayo, os ingleses enfrentaram a resistência dos Ogdens somális, dos Mazrui e dos akamba, que acabou sendo derrotada após a intervenção de tropas indianas em 1899. Os Taita também se envolveram em conflito com os ingleses após se recusarem fornecer carregadores.

No Quênia Ocidental a principal figura foi Munia, o rei dos Wanga, que via nos ingleses mais um grupo de mercenários que podia ser usado como tal na luta contra os seus inimigos (Iteso e Luo). Assim este rei optou sempre pela aliança.

A Resistência no Tanganyika

No Tanganyica a resistência decorreu tanto por via diplomática como com emprego da força.

Em 1891 e 1893 Mbunga envolveu-se em conflitos com os alemães, enquanto Hasani Bin Omari também se confrontava com os alemães no interior diante de Kilwa. Em 1891 os hehe, liderados por Mkwawa derrotaram os alemães que se vingaram em 1894, tomando a capital, mas sem conseguir prender o chefe Mkwawa. Já 1899 em foi a vez dos maonde combaterem os alemães.

A conquista alemã no litoral, liderada por Karl Peters, enfrentou a resistência de Abushiri ao longo da costa e das tribos gogo, chaga e Hehe. As duas primeiras foram subjugadas com relativa facilidade, mas os hehe, liderados por Mkwawa resistiram até 1898.

Sob comando de Abushiri, em Setembro em 1888, os povos do litoral incendiaram um navio de guerra alemão, antes de atacar Kílwu e matar os dois alemães que lá residiam e assaltar Bagamoyo.

Reagindo aos acontecimentos, a Alemanha, enviou Hermann Von Wissman, para a região. Tendo chegado em Abril de 1889 atacou Abushiri em Bagamoyo, forçando-o a retirar-se para Uzigua onde acabou sendo preso e enforcado em Dezembro de 1889. Em Maio de 1890 Kílwu foi bombardeada e tomada de assalto pelos alemães terminando assim a resistência no litoral do Tanganyica.

A seguir veja, caro aluno como aconteceram as coisas no Uganda.

Uganda

No Uganda a resistência à ocupação inglesa foi particularmente conduzida pelos reis Kabarega do reino Bunyoro e Mwanga do reino Buganda.

A resistência de Kabarega decorreu entre 1891 e 1899. A opção inicial deste rei foi o confronto, mas após falhar nos seus intentos decidiu recorrer à diplomacia, tentando sem sucesso um acordo com Lugard. Na fase final e diante do fracasso das tentativas de aproximação com os ingleses, Kabarega decidiu-se pela guerrilha. Assim abandonou o Bunyoro e refugiou-se no país Lango, a norte de onde lançou ataques de surpresa infligindo baixas aos ingleses.

O rei Mwanga de Buganda, proclamado protectorado britânico em 1894, privilegiou a diplomacia.

Desde a sua chegada ao trono, em 1894, Mwanga tentou limitar o contacto dos europeus com os baganda, punindo, às vezes com a morte os que abraçassem o Cristianismo.

Na sua tentativa de impedir o domínio dos estrangeiros em seu território, Mwanga adoptou a estratégia de “dividir para reinar” ora aliando-se aos cristãos contra os muçulmanos, ora aliando-se aos muçulmanos contra cristãos. Portanto, para ele todos os estrangeiros representavam uma ameaça ao seu poder pelo que era preciso pô-los fora.

Um dos últimos actos de resistência de Mwanga teve lugar em 1898, quando, alegando uma tradição dos Baganda tentou atrair todos os estrangeiros para uma parada naval numa ilha do lago Vitória, onde pretendia deixá-los morrer a fome. Contudo o plano foi descoberto pelo que os europeus montaram-lhe um golpe substituindo-lhe pelo irmão.

Pouco depois tentou retomar o poder e juntou-se a Kabarega na guerrilha, mas ambos foram capturados e deportados em Kisimayu, onde Mwanga morreu em 1903.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu que não obstante as diferenças que caracterizavam os povos da região oriental todos eles assumiram uma posição firme diante da ameaça colonial. É óbvio que as condições específicas de cada território ditaram níveis e intensidades diferentes da luta. As próprias formas de luta apresentavam diferenças. De uma forma geral a resistência nesta região desenrolou-se entre 1890 e princípios do de 1900.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas.
 - a) Nas vésperas da partilha do continente africano, as sociedades da África Oriental apresentavam níveis de organização bastante díspares.
 - b) Nas vésperas da partilha do continente africano, a África Oriental estava organizada em estados centralizados.
 - c) Nas vésperas da partilha existiam como estados centralizados os Baganda e Banyoro, no Uganda, os Banyambo no Tanganhica e Wanga no Quênia.
 - d) Na África Oriental todas as formações sociais tanto do litoral como do interior tinham, nas vésperas da conquista, contactos profundos com os europeus e árabes.
2. Usando exemplos concretos identifique as formas de luta usadas na resistência na África Oriental.

Guia de Correção

1.

a) V

c) V

b) F

d) F

2. Na África Oriental a resistência decorreu tanto por via diplomática como com emprego da força.

No Tanganyika por exemplo Mbunga, Hasani Bin Omari, Abushiri e as tribos gogo, chaga e Hehe, privilegiaram o confronto na luta contra a invasão.

No Uganda a resistência foi conduzida pelos reis Kabarega do reino Bunyoro e Mwanga do reino Buganda. Kabarega optou inicialmente pelo confronto, mas após falhar recorreu à diplomacia. Mwanga privilegiou a diplomacia adoptando a estratégia de “dividir para reinar” ora aliando-se aos cristãos contra os muçulmanos, ora aliando-se aos muçulmanos contra cristãos.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Os Nandi foram os que ofereceram a resistência mais viva e mais prolongada (1890 – 1905) no Quênia. Como explica a enorme força militar dos nandi?
2. Indique três figuras ligadas a resistência na África Oriental.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte

Lição 14

A Resistência na África Central e Austral

Introdução

Uma outra região escolhida para mostrar exemplos de resistência em África é a África central. Tal como fizemos nos outros casos, vamos analisar o envolvimento das populações desta região na resistência contra a ocupação estrangeira.

Será uma oportunidade para, você, conhecer outros protagonistas da resistência em África.

Tenha bom estudo!



Objectivos

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

- *Situar* no tempo a resistência na África Central e Austral contra a ocupação estrangeira.
- *Identificar* as principais figuras da resistência.
- *Descrever* os principais momentos da resistência.

A Resistência na África Central e Austral

Enquadramento Geográfico

A África Central e Austral, compreende uma série de territórios localizados a sul do equador não incluindo a costa oriental e o extremo sul do continente. Actualmente encontram-se nesta região a República Democrática do Congo, Zâmbia, Zimbabwe, Malawi, Moçambique, Angola, Namíbia.

Nas vésperas da partilha do continente africano existiam nesta região central e austral inúmeras formações políticas das quais se destacam os

Estados Lunda e Luba na actual RDC, os Estados Humbe e Chokwe em Angola, Matabeland, (Zimbabwe) Mshonaland (Zâmbia) Niassaland (Malawi), o Estado de Gaza, os Estados Militares do vale do Zambeze e os Estados Ajaua, em Moçambique, bem como várias outras formações políticas menores.



Em geral, todos os grupos sócio-políticos da região tentaram resistir à ocupação europeia.

A resistência na África central foi conduzida em diferentes etapas, visando três objectivos principais:

- Manter a soberania das sociedades africanas;
- Corrigir alguns abusos do regime colonial e;
- Destruir o sistema estrangeiro instalado.

As acções de resistência começaram a se manifestar claramente depois de 1880, altura em que os povos da região enfrentaram, claramente, a ameaça que a presença europeia representava para a sua soberania.

Para todos eles o objectivo da resistência era impedir a ocupação, mas as estratégias, a composição étnica, a intensidade da luta e o grau de êxito alcançado foram bastante variados.

Algumas formações políticas africanas como os nguni da Niassalândia, os Báruè, os yao, os macua, os Yeke, os Chicunda, os Ovibundo, os Chokwe entre outros, ofereceram forte resistência aos europeus na região.

Mas a opção de confronto não foi prática em todas as formações africanas. Algumas houveram que tentaram aliar-se aos europeus. Gungunhane, antes de se envolver em confronto com os portugueses, negociou, tanto com os britânicos, como os portugueses. O mesmo ocorreu entre os hehe e o alemão Karl Peters e ainda com os Bemba e os britânicos.

Houve ainda reinos africanos, particularmente do Congo, que começaram por submeter-se pacificamente, antes de decidir juntar forças e lutar pela independência. Os Yaka, os Buja e os Boa contam-se entre os que optaram por esta estratégia.

Sudoeste Africano

A resistência contra a ocupação alemã foi desencadeada pelos herero e pelos Nama duas das maiores tribos da região. Nesta região Witboi foi o principal líder da resistência.

Os alemães já se tinham instalado no Sudoeste Africano desde meados do século XIX e no âmbito da corrida imperialista, nos anos 80, encetaram o avanço para o interior, do que resultou o choque com os ingleses entretanto resolvido através dos chamados tratados bilaterais.

O choque com os nativos eclodiu por volta de 1904, quando as populações, agastadas com a dominação colonial aproveitaram a retirada de parte das tropas alemãs para atacar os alemães destruindo fazendas e matando cerca de 100 alemães.

Fazendo uso do seu enorme arsenal, os alemães retaliaram. Sob liderança de Von Trotha, os alemães desencadearam uma guerra total contra os herero. O balanço foi devastador: cerca de 80% da população morta, cerca de 14000 encarcerados e perto de 3000 refugiados incluindo o chefe Samuel Maherero. Igualmente, foram confiscadas as terras e o gado e proibida a formação de instituições étnicas e a prática de cerimónias tradicionais.

Moçambique

A resistência à ocupação colonial, em Moçambique, apenas uma referência sumária da mesma.

No nosso país a resistência iniciou, de forma sistemática, cerca de 1894 quando os portugueses iniciaram a conquista no sul, onde se encontrava o Estado de Gaza.

Como uma das maiores e mais fortes unidades políticas do país, o Estado de Gaza revelava-se particularmente importante no contexto da conquista de Moçambique pelos estrangeiros.

Por um lado, ocupar Gaza significava conquistar um ponto de partida de grande valia para as acções posteriores.

Por outro lado derrotar Gaza iria desencorajar a resistência de outros estados menos poderosos.

Após subjugar Gaza, em 1895/7, foram também dominados, entre finais do século XIX e princípios do século XX o Centro e Norte de

Moçambique. Tanto numa como noutra região assistiu-se a uma notável resistência que só foi definitivamente eliminada entre 1917 e 1920, com a queda do Estado de Báruè e do planalto dos Macondes.

Ao longo do processo de resistência em Moçambique destacaram-se vários reis e guerreiros entre os quais:

- Ngungunhane, Nwamantibjane, Mabjaia, Maguiguane, no Sul do país;
- Hanga, Mafunda, Cambuemba, Cabendere, na região Central;
- Mucutu-munu, Komala, Kuphula, os xeiques Molid-Volay, Faralay e Suali Bin Ibrahim, no Norte

Resumo da Lição



Resumo

Nas vésperas da partilha a África Central e Austral era constituída por vários estados como os Estados Lunda e Luba na actual RDC, Humbe e Chokwe em Angola, Matabeland, (Zimbabwe) Mshonaland (Zâmbia) Niassaland (Malawi), o Estado de Gaza, os Estados Militares do vale do Zambeze e os Estados Ajaua, em Moçambique, bem como várias outras formações políticas menores. Todos os grupos sócio-políticos da região tentaram resistir à ocupação europeia.

A resistência começou a manifestar se claramente depois de 1880, com o objectivo de impedir a ocupação.

As estratégias, a composição étnica, a intensidade da luta e o grau de êxito alcançado foram bastante variados.

As formas de luta variaram entre o confronto e a diplomacia.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Indique três estados que existiam na África Central e Austral nas vésperas da partilha.
2. Indique três formações políticas que privilegiaram o confronto contra os invasores e outras tantas que deram primazia à diplomacia.
3. Indique as duas principais figuras da resistência no sudoeste africano

Guia de Correção

1. Indicar três entre os seguintes estados

Lunda	Matabeland,	E. M.V Zambeze
Luba	Mshonaland	Estados Ajaua
Humbe	Niassaland	
Chokwe	Estado de Gaza	

2. Os nguni da Niassalândia, os Báruè, os yao, os macua, os Yeke, os Chicunda, os Ovibundo, os Chokwe entre outros, resistiram militarmente enquanto os Yaka, os Buja e os Boa (do Congo) privilegiaram a diplomacia.
3. Os principais líderes da resistência no sudoeste africano foram Witboi e Samuel Maherero

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Quais eram os objectivos da resistência africana
2. Indique 2 figuras da resistência em cada uma das regiões de Moçambique

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação, verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Soluções

Lição 1

1. Cinco estados africanos no século XV
 - Songhay
 - Mali
 - Mwenemutapa
 - Etiópia
 - Ghana
2. O papel dos três vértices (Europa, América e Ásia e África).
 - Europa – fornecia a África e Ásia e América armas de fogo, rum, tecidos de algodão, ferro, jóias de pouco valor, entre outros artigos.
 - África - vendia escravos para as minas e plantações das Américas. Tal como a Ásia fornecia matérias-primas diversas à Europa. Era por outro lado mercado para a produção manufacturada da Europa.
 - América fornecia ouro, prata, açúcar e outros produtos à Europa.

Lição 2

1. No início do século XIX quase todo o continente africano era constituído por formações sociais de tamanhos e natureza variados, liderados por reis e chefes africanos. A presença europeia estava limitada a algumas possessões ao longo da costa representando cerca de 20% do território.
2. Os factores económicos do interesse dos europeus pelo interior da África estão relacionados com a revolução industrial que resultou num considerável aumento da procura de matérias-primas, de mercados e de mão-de-obra barata.

3. F

1 – B

3 – A

5 – C

2 – B

4 – B

6 – A

Lição 3

1. Corrida imperialista é o ambiente de disputa entre os estados europeus pela África, entre finais da década de 1870 e princípios de 80.
2. Os factores que despoletaram a corrida imperialista foram:
 - As movimentações do rei Leopoldo II da Bélgica com vista a criar o Estado Livre do Congo;
 - As acções da França tendentes a ocupar o Congo e a consolidar o seu domínio sobre Madagáscar, Argélia e outros.
 - O avanço português sobre os seus territórios do interior de Moçambique.

Lição 4

1. O tratado de Zaire foi assinado entre Portugal e Espanha
2. Indicar 5 entre os seguintes países
 - Alemanha
 - Austria-Hungria
 - Bélgica
 - Dinamarca
 - Estados Unidos
 - França
 - Espanha
 - Inglaterra
 - Itália
 - Países baixos
 - Portugal
 - Rússia
 - Suécia e Noruega
 - Turquia
3. O princípio da ocupação efectiva determina a obrigatoriedade de as potências europeias imporem a civilização europeia o que por outras palavras significa remover toda a estrutura tradicional africana e substituí-la pela europeia o que significa ocupar efectivamente as regiões em causa.

Lição 5

1. Os tratados foram importantes no processo de conquista na medida permitiram aos europeus aprofundar o seu conhecimento sobre África o que lhes permitiu avançar facilmente sobre o continente, contrariamente aos africanos que pouco sabiam sobre os europeus

2.

1 – D

2 – F

3 – C

4 – E

5 – A

6 – G

7

–

B

Lição 6

(Falta o mapa com as soluções)

Lição 7

1. Pintar Etiópia e Libéria

(Falta o mapa com as soluções)

2. Nas vésperas da partilha a correlação de forças era bastante desproporcional pois enquanto os europeus possuíam uma economia forte, assente na industrialização, capaz de suportar exércitos profissionais, os africanos não conseguiam ter exércitos permanentes. Mais ainda, os europeus usavam as últimas criações da indústria bélica, os africanos usavam armas antigas e obsoletas.



Lição 8

1. A teoria económica defendia que a partilha de África tinha motivações económicas, especialmente, ligadas ao desenvolvimento económico da Europa, ou seja foi a super-produção, o excedente de capital e o sub consumo dos países industrializados que os levou a partilha de África.
2. A teoria da dimensão distingue-se das demais pelo facto de ser a única que procura explicar a partilha numa perspectiva da História africana, considerando a partilha de África resultado do longo período de roedura do continente iniciada no século XV. Todas as outras esforçam-se por explicar porque é que os europeus ocuparam a África e não em explicar porque a África foi ocupada.

Lição 9

1. A atitude inicial dos africanos face à chegada dos europeus no Século XIX foi muito variada, mas em geral prevaleceu a surpresa receosa ou divertida e sobretudo a hospitalidade. Raramente foi de hostilidade. Os primeiros viajantes (Livingstone, Mungo Park, etc.) são unânimes quanto à hospitalidade dos africanos.
2. O início da resistência ocorre a partir de finais do século XIX quando os africanos aperceberam-se da existência de uma nova vaga de estrangeiros cujos objectivos ameaçavam a soberania das sociedades africanas.

Lição 10

1. A principal ideologia profana da resistência africana é o princípio da soberania que defende que a resistência africana surgiu em resultado da alienação da soberania africana.
2. Embora a resistência não tenha surtido o efeito desejado foi importante na medida em que, os movimentos de resistência contribuíram para o surgimento de agrupamentos em torno de ideias, sejam elas quais forem, opondo-se ao agrupamento de base tribal, característico dos movimentos primários.

Lição 11

1. Porque foi neste período que tiveram lugar as principais acções de conquista que culminou com a ocupação de toda a região do oásis e a implantação do domínio francês pelo protocolo de 20 de Abril de 1902.
2. A resistência marroquina desenrolou-se em diversas etapas das quais se destacam:
 - Guerra contra Espanha em 1859 e 1860 culminou com derrota dos marroquinos que tiveram que pagar uma pesada indemnização, aceitar o alargamento territorial de Melilla e ceder um porto na costa atlântica.
 - 1899 -1902 – acções de resistência conduzidas por In Salah redundaram em fracasso em Março de 1901 tendo sido assinado um protocolo em 20 de Abril de 1902.
 - A partir de 1905 resistência contra a conquista francesa das *bilad al-siba* . o francês Xavier Coppolani enfrentou a resistência de Mulay Idris até Janeiro de 1907, altura em que a liderança da resistência passou para o xeque al Aynayn até 1909.

Lição 12

1. Primeiro período- de finais do século XIX até a Primeira Guerra Mundial a resistência no Magreb foi conduzida por um estado organizado que, através de exércitos regulares tentou fazer frente aos invasores.

Segundo período - partir de 1921, uma vez terminada a Primeira guerra Mundial, as acções de conquista reiniciaram.

2. Entre 1922 e 1923 dois factores enfraqueceram a resistência:
 - a) Enfraquecimento do Comité Central da República Unida devido aos conflitos internos, a guerra civil entre Misurata e Warfallah e ao conflito entre os árabes e os berberes das montanhas;
 - b) O abandono do território pelo chefe espiritual da União - Amir Idris al-Sanusi.



Lição 13

1. A força militar dos Nandi explica-se pela grande coesão social e pela confiança dos guerreiros em si próprios e no seu chefe.
2. Escolher entre os seguintes líderes Waiyaki (chefe dos Gikuyu); Lemana (dos Masai); Mbaruk Bin Rashid (Mazrui) Nziba Mwea (akamba) Munia (Wanga).

Lição 14

1. Os objectivos da resistência na região central e austral eram manter a soberania das sociedades africanas, corrigir alguns abusos do regime colonial e destruir o sistema estrangeiro instalado

2. Figuras ligadas a resistência em Moçambique

Sul: Ngungunhane, Nwamantibjane, Mabjaia, Maguiguane;

Centro: Hanga, Mafunda, Cambuemba, Cabendere;

Norte: Mucutu-munu, Komala, Kuphula, os xeiques Molid-Volay, Faralay e Suali Bin Ibrahim,

Teste Preparação de Final de Módulo 2

Este teste, querido estudante, serve para você se preparar para realizar o Teste de Final de Módulo no CAA. Bom trabalho!

1. Assinale com um ✓ os estados africanos que já existiam no século XV.
 - a) Mali, Songhai, Ghana, Mwenemutapa
 - b) Ghana, Mwenemutapa, Zimbabwe, Moçambique
 - c) Moçambique, Angola, Congo
 - d) Zimbabwe, Moçambique, Angola, Congo
2. Entre os séculos XV e XIX as relações entre África e a Europa estavam assentes:
 - a) Numa base de respeito pela soberania de cada estado
 - b) Dependência militar dos estados africanos em relação aos europeus.
 - c) No intercâmbio comercial (comércio desigual)
 - d) Dominação da África pelos europeus
3. No âmbito do comércio triangular o papel de África era de
 - a) Fornecer matéria-prima à Europa
 - b) Mercado da produção manufactureira europeia
 - c) Local de trânsito dos europeus rumo à Índia
 - d) Fornecer matéria-prima à Europa e Mercado da produção manufactureira europeia
4. Faça corresponder as letras aos números de modo a ligar os exploradores da coluna A às descobertas da coluna B

(O quadro dos números para as respostas está deslocado, em baixo da pergunta cinco (5)).

5. Assinale com um ✓ os aspectos característicos do mapa político da África no início do século XIX
 - a) Existência de reinos, estados e impérios autóctones, encabeçados por chefes africanos que controlavam a vida política, económica e ideológica dos africanos.
 - b) Forte presença europeia em África, controlando a vida política, económica e ideológica dos africanos
 - c) Forte presença de mercadores árabes e europeus em África controlando a vida política, económica e ideológica dos africanos
 - d) Forte presença de mercadores árabes em África controlando a vida política, económica e ideológica dos africanos

1. H.M. Stanley	A. Em 1858, ao serviço da Sociedade Real de Geografia descobriu, juntamente com Speke o lago Tanganyica
2. Samuel Baker	B. Seguiu pelo Zambeze de Oeste a Leste tendo chegado às cataratas do Zambeze a que chamou quedas Vitória
3. Gordon Laing	C. Na companhia da esposa descobriu o lago Alberto
4. Burton	D. Passou por Pais Haússa e Bornu, Gwandu e Tombuctu e, além de descobrir novos objectos geográficos, registou a vida das comunidades.
5. Livingstone	E. 1826 - partindo de Tripolis, alcançou Tombuctu.
6. Henri Barth	F. Constatou que o lago Tanganyica não tinha saída para o norte e que o Lualaba conduzia ao rio Congo



6. Assinale os factores do interesse dos europeus pelo interior da África
- a) Curiosidade Científica e o Espírito de aventura e Impacto da Revolução Industrial
 - b) As viagens exploratórias e revolução industrial
 - c) Impulso missionário e viagens exploratórias
 - d) A dominação colonial e a corrida imperialista
7. Faça corresponder, através de setas, as colunas **A** e **B** de modo a obter a indicação correcta das áreas por onde cada explorador passou.

A

H.M. Stanley
Samuel Baker
Gordon Laing
Burton
Livingstone
Henri Barth

B

África ocidental
África Oriental e Central
África Central e Austral

8. Assinale com **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas a cerca da invasão do continente africano
- a) Depois de cerca de três séculos em África, em 1880 os europeus ocupavam quase toda a África, exceptuando cerca de 20% do continente.
 - b) Em 1914 toda a África, exceptuando a Etiópia e a Libéria, encontrava-se sob domínio dos europeus ou em vias disso.
 - c) Corrida imperialista é como se chamou o ambiente de disputa entre os estados europeus pela África, nas décadas de 1870/80.
 - d) Um dos factores da corrida imperialista em África foi a vinda de Stanley a mando do Jornal New York Herold.
 - e) Na região do Congo os interesses franceses eram representados por Brazza e os da Bélgica por Stanley.
 - f) No âmbito da corrida imperialista a Alemanha, partiu de WalvisBay, em direcção ao interior.
 - g) A conferência de Berlim para pôr cobro à corrida imperialista foi convocada por Portugal.
 - h) A Conferência de Berlim realizou na Alemanha entre Novembro de 1884 e Fevereiro de 1885, organizaram.
9. Assinale com ☒ a definição corrida de corrida imperialista
- a) Convocação da Conferência Geográfica de Bruxelas na qual fundou a Associação Internacional Africana
 - b) Ambiente de disputa entre as potências europeias pela África, entre finais da década de 1870 e princípios de 80.
 - c) Viagens realizadas pelos mercadores, missionários e militares, para o estudo da África.
 - d) Acções diplomáticas e militares visando a partilha e ocupação do continente.

10. Assinale com um **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas em relação ao arranque da corrida imperialista
- a) Um dos primeiros momentos da corrida imperialista foi em 1876, quando Leopoldo II da Bélgica convocou a Conferência de Bruxelas na qual fundou a Associação Internacional Africana tendo como objectivos a exploração do continente, o combate ao tráfico escravagista e a introdução da civilização (europeia).
 - b) Para perseguir estes objectivos, em 1879, Leopoldo II expulsou Stanley da Associação na qual tinha a tarefa de criar postos e assinar tratados com os chefes africanos.
 - c) As actividades de Stanley, em representação da Bélgica, no Congo não originaram quaisquer reacções de outros países europeus.
 - d) À chegada de Stanley ao Congo, já Brazza se encontrava em missão exploratória na região, pelo que instalou-se a disputa da região entre franceses e belgas.
11. Assinale com um **✓** os aspectos contidos na Acta da Conferência de Berlim que reflectiam o objectivo daquela conferência de acabar com os conflitos inter imperialistas.
- a) Regular a navegação e o comércio no Zaire, e demarcar os limites ocupados por Portugal, e de outras nações que ali ocupam pequenas extensões.
 - b) Formar um exército conjunto para impor a ordem entre os estados em disputa em África
 - c) Delimitar todos os domínios territoriais de todas as nações europeias em África
 - d) Impor a decisão do respeito pelos direitos históricos de cada estado europeu em África
12. Assinale com um **✓** o ano e os subscritores do Tratado de Zaire.
- a) 1884 entre Portugal e Inglaterra, em Londres,
 - b) 1885 entre Portugal e França, em Londres,
 - c) 1884 entre Portugal e Inglaterra, no Zaire,
 - d) 1884 entre França e Inglaterra, em Londres,
13. Assinale com um **✓** os países participantes da conferência de Berlim
- a) Grécia, Inglaterra, Alemanha, Portugal, França
 - b) China, Inglaterra, Alemanha, Portugal, França
 - c) Japão, Inglaterra, Alemanha, Portugal, França
 - d) EUA, Inglaterra, Alemanha, Portugal, França
14. Assinale com um **V** as afirmações verdadeiras e **F** as falsas sobre a ocupação efectiva da África.
- a) A seguir à conferência de Berlim, iniciou a ocupação de África, tendo como vias os tratados e as acções militares.
 - b) Ao assinar tratados políticos com os europeus, os chefes africanos renunciaram conscientemente à sua soberania.
 - c) Os tratados bilaterais eram assinados entre as potências europeias e os chefes africanos.
 - d) Graças aos tratados bilaterais foi possível evitar muitos dos conflitos inter imperialistas.



- e) No âmbito da ocupação da África, a França e a Inglaterra disputavam, entre outros territórios, a África Ocidental.

15. Faça corresponder através de setas as colunas A e B sobre os tratados bilaterais europeus.

Tratado anglo-alemão (29/4 e 7/5/1885)	E. Pôs fim as disputas entre França e Inglaterra na África Ocidental;
Tratado anglo-alemão (1/11/1886)	Pôs fim à guerra anglo-boer
Tratado anglo/italiano (1891)	C. Deu à Inglaterra, direitos sobre o Alto Nilo;
Tratado entre a Inglaterra e o Estado Livre do Congo	D. Definiu as zonas de influência da Inglaterra e da Alemanha no Sudoeste Africano;
Convenção do Níger (1898)	Fixou os limites do Estado Livre do Congo;
Convenção Anglo-francesa (1899)	F. Coloca Zanzibar sob influência britânica e a África Oriental fica com a Alemanha
Tratado de Vereeniging (1902)	Regulamentou a questão egípcia;

16. Faça corresponder as colunas A e B de modo a obter as ideias correctas de cada uma das teorias sobre a partilha

Coluna A	Coluna B
1. Atavismo Social	Explica a partilha como resultado da super-produção, do excedente de capital e do sub consumo dos países industrializados da Europa.
2. Teoria da Dimensão Africana	Segundo esta teoria o desejo de paz e de estabilidade dos Estados europeus foi a causa principal da partilha da África.
3. Teoria Económica	Baseia-se na teoria de selecção natural de Charles Darwin segundo a qual "na luta pela vida, as espécies mais fortes dominam as mais fracas".
4. Teoria do Equilíbrio de forças	Segundo esta teoria a influência dos movimentos proto nacionalistas na África que ameaçavam os interesses estratégicos globais das nações europeias é que esteve na origem da partilha.
5. Cristianismo Evangélico	Defende que após consolidar e redistribuir as cartas diplomáticas no seu continente, os europeus eram incitados por uma força obscura, atávica que se exprimia por um desejo de manter ou de restaurar o prestígio nacional.
6. Teoria do prestígio nacional	Considera que a partilha de África é fruto de um egoísmo nacional colectivo que se manifesta na disposição, sem objectivos que o Estado manifesta de expandir-se ilimitadamente pela força.
7. Darwinismo Social	Considera que a partilha deveu-se a um impulso missionário e humanitário com o objectivo de regenerar os povos africanos.
8. Estratégia global	Defende que a partilha foi o culminar do longo processo de delapidação do continente iniciada com a chegada dos primeiros europeus a África.

17. Assinale com ✓ o teor da teoria económica sobre a partilha de África
- A. Explica a partilha como resultado da super-produção, do excedente de capital e do sub consumo dos países industrializados da Europa.
 - B. Segundo esta teoria o desejo de paz e de estabilidade dos Estados europeus foi a causa principal da partilha da África.
 - C. Baseia-se na teoria de selecção natural de Charles Darwin segundo a qual “na luta pela vida, as espécies mais fortes dominam as mais fracas.
 - D. Segundo esta teoria a influência dos movimentos proto nacionalistas na África que ameaçavam os interesses estratégicos globais das nações europeias é que esteve na origem da partilha.
18. Qual é a diferença entre a teoria da Dimensão Africana e as demais teorias.
19. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre a resistência africana.
- a) A literatura colonial procurou sempre minimizar a Resistência africana ao tentar dar a entender que os africanos nunca tiveram um sentimento nacional e, salvo algumas excepções aceitaram passivamente a ocupação.
 - b) A resistência africana começou a manifestar-se logo no início do Século XIX quando os europeus iniciaram as viagens exploratórias.
 - c) Os primeiros viajantes europeus como Livingstone, Caillé, Binger, MungoPark, etc., testemunharam a hospitalidade dos africanos.
 - d) A resistência africana começou a tornar-se fenómeno generalizado no fim do século XIX, quando os africanos se aperceberam das pretensões conquistadoras dos europeus.
 - e) A resistência africana foi assunto dos chefes, os únicos que se batiam com os europeus em defesa do seu povo.
 - f) A resistência africana desenrolou-se sob diferentes formas, que incluíam a fuga, as greves, manifestações, a sublevação armada, etc.
20. Caracterize a atitude inicial dos africanos diante da presença dos europeus
21. Aponte as razões que levaram ao início das acções de resistência em África
22. Explique em que medida a religião confere à resistência os pressupostos de soberania e legitimidade.
23. Refira-se em traços gerais a Ideologia profana.
24. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre a resistência na Tunísia.
- a) Na Tunísia a resistência foi dirigida contra a Turquia, Itália e França.
 - b) A tentativa do bei de buscar alternadamente a aliança dos diferentes grupos europeus para preservar o seu poder permitiu manter o poder por longo tempo.
 - c) A tentativa do bei de buscar alternadamente a aliança dos diferentes grupos europeus para preservar o seu poder revelou-se fatal, pois levou o bei a ficar isolado.
 - d) A soberania tunisina chegou praticamente ao fim com a declaração protectorado francês sobre o território, a 12 de Maio de 1881.
 - e) A soberania turca chegou praticamente ao fim com a declaração protectorado francês sobre o território, a 12 de Maio de 1881.
25. No período da conquista europeia, Marrocos enfrentou em simultâneo duas outras potências. Identifique-as